

Feminismo

Homem-mulher, relação criativa

IREDE CARDOSO

A licença-paternidade, comovente reivindicação atendida, dos professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, da qual falamos em artigo anterior, resultou num presente a mim concedido da mais alta importância. Recebo do presidente da Associação dos Professores da PUC, Aloísio Mercadante, um bellissimo trabalho cheio de considerações de extrema importância para homens e, para nós, mulheres e feministas:

"Mais uma vez — diz Aloísio — vocês, apenas vocês mulheres feministas se manifestaram publicamente a respeito de uma conquista que beneficia diretamente o homem. Me perguntaria: por quê? Talvez porque há algum tempo a luta contra o machismo e a vontade de repensar a relação homem-mulher tenham sido fundamentalmente uma preocupação feminista-feminina. Diga-se de passagem, nada mais justo, se considerarmos que a repressão sobre a sexualidade, a marginalização no mercado de trabalho, a renumeração diferenciada para as mesmas funções, o acúmulo de tarefas domésticas, atingem essencialmente as mulheres."

"E nós homens?" (Bela pergunta, Aloísio; que dirão os homens? Às vezes duvido, perco a fé na esperança de que tenham essa preocupação). "A identidade de ser homem nos estreitos limites que o machismo nos impõe transforma-nos em opressores e oprimidos. Tem sido difícil amar nestes tempos e impossível crescer afetivamente na camisa-de-força do machismo."

"Desde pequenos — continua Aloísio — em nossos 'papos de homem', tínhamos que falar de futebol, cachaça e mulher. Não da mulher que amávamos, não das pequenas ou grandes rejeições, não das fantasias de estar namorando e das relações adolescentes que acreditamos seriam para sempre. Falar de mulher como machos. A mulher reduzida a um objeto erótico, uma mercadoria a mais a ser consumida, seduzida, dominada. Falar das pernas, seios nos quais não existe o outro, o ser, a pessoa. Sexualidade e afeto foram, desde sempre, dois aspectos totalmente divorciados, e ser macho é ser capaz de esmagar o afeto. Não há carência no fálico. Senão,



você tem que 'assumir' e virar de vez homossexual. Desnecessário dizer — um ser sem cidadania alguma no poderoso reino dos machos."

"Crescemos desta forma e nossas relações de amor continuam sufocadas por esta herança que organizada apenas vocês feministas ousaram questionar. Ser macho é pobre, é triste, é cinza. Quando nossa imagem de macho se vê ameaçada, é um pavor tão incrível que só podemos virar 'lobisomem' — meio homens, meio bichos. Então somos capazes de bater, espancar e, com uma certa frequência, até matar 'a mulher que amamos'. Na torre de Babel da intelectualidade, os instrumentos de poder e dominação já se sofisticaram. Como não conseguimos admitir o desejo de nossas companheiras por outros, matamos afetivamente e o desprezo dá lugar à violência física. A alternativa? Tem sido a falsa segurança das gaiolas de ouro que asseguram nossos casamentos e que, em regra, têm transformado a possibilidade de uma relação a dois em um marasmo

afetivo sem qualquer poesia. Que privilégios são esses que nos fazem estrangeiros no mundo feminino?"

"Somos totalmente inaptos para assumir e expressar nossas carências, fragilidades e inseguranças. Ser fálico é ser forte. E continuamos a crer que é possível amar neste pobre universo do mundo masculino. Nas tarefas domésticas, hoje, só nos restou o trabalho desqualificado como: descascar cebola, enxugar louça ou, no máximo, varrer o chão, obviamente, sem nenhum tipo de motivação ou prazer."

Depois dessas reflexões, totalmente oportunas, Aloísio fala da licença-paternidade, na PUC-SP: lá na escola — diz ele — nenhum professor comentou a vitória, pelo menos com ele. "Em compensação, a grande maioria das professoras vibrou ou lamentou o fato de seus companheiros não trabalharem na PUC". E ele se pergunta: "Será que temos dividido as responsabilidades da gravidez? Temos dividido, de fato, a educação das crianças, além da responsabilidade de mantê-las? Socialmente, tenho certeza que não."

"Pensar a possibilidade de uma relação criativa homem-mulher não é tarefa exclusiva de feminismo, é uma necessidade nossa e inadiável. Não dá mais para responder com piadinhas e gracejos às tentativas de reconstruirmos nessa identidade-homens e mulheres. E assumirmos a afetividade, carinho, sensibilidade não creio que seja assumirmos nosso lado de mulher; não creio que ternura tenha que ser monopólio do ser mulher. O feminismo tem apontado esses problemas, mas muitas vezes nos ameaça e não nos transforma. Temos estado paralisados, atônitos, diante da vontade de crescer e se libertar que as mulheres mostram. Mas também temos algo a dizer, há que assegurá-lo. A licença-paternidade é também vitória nossa, de todos os que jamais chegarão a ser o homem novo, mas que, talvez, possam ser os últimos dos machos."

Falou, Aloísio. As feministas não ameaçam. Elas querem a democracia e se ela atemoriza é somente aos que lutam para manter seus privilégios. Queremos amor e ternura, e isso também depende muito de vocês, homens.

Encontro Nacional de Mulheres do PT

Foi aprovada por aclamação na Pré-Convenção Nacional a realização de um Encontro Nacional, nos dias 19 e 20 de junho, em São Paulo. Um acontecimento importantíssimo para o fortalecimento do pólo que pretende construir um movimento de mulheres pela base.

Por Marília Carvalho



No entanto, o tempo é curto e as condições de organização, circulação de documentos, etc., são limitadas. Sabemos das dificuldades que o PT encontra na organização da sua infraestrutura e, mais ainda na questão da mulher, estaremos na dependência do esforço de cada diretório, em se conscientizar da importância do trabalho e levar a sério a sua preparação.

Pauta e critérios

A proposta aprovada na pré-convenção é bastante geral e foi delegado à Comissão de Mulheres de São Paulo o detalhamento

de pauta e organização do encontro. A pauta sugerida é a seguinte:

1. Relatório sobre o movimento de mulheres nos estados, incluindo as formas de organização existentes, como federações, grupos, coordenações etc., cujo objetivo é socializar dentro do PT as informações sobre o movimento de mulheres a nível nacional. Esse relatório deverá ser elaborado por escrito e enviado até dia 30 de maio à secretaria Nacional de Movimento Populares.

2. A organização das mulheres dentro do PT, avaliação das comissões existentes e propostas.

3. As mulheres do PT e as eleições.

Não foi definida uma proposta para o processo de preparação nos estados, ficando a cargo de cada Diretório, com a colaboração das Comissões de Mulheres, onde existirem, organizá-la. O Encontro Nacional será aberto a todos os petistas interessados na discussão do movimento de mulheres, sem definição de critérios de proporcionalidade por estados, delegação, etc. Qualquer informação pode ser obtida, em São Paulo, com Ethel, na sede nacional do PT e com Regina Stella, na Assembleia Legislativa.

Não há dúvida de que deve-

mos apoiar a iniciativa de marcar este encontro. É certo que a idéia veio de cima, pouca gente informada a respeito, mas isso se explica pela debilidade das formas organizativas internas ao PT, em especial a secretaria de Movimentos Populares, sobrecarregada com um conjunto variadíssimo de movimentos com dinâmicas próprias.

Importantíssimo, portanto, todo cuidado é pouco

Um encontro Nacional de Mulheres Petistas que consiga unificar minimamente a nossa atuação e traçar linhas gerais de uma política petista para o movimento de mulheres, pode fortalecer enormemente o pólo que hoje se preocupa em construir um movimento pela base.

E é precisamente por essa importância que nos preocupa a necessidade de fortalecer a Comissão de Mulheres do PT de São Paulo, encarregada da preparação. E mais, preocupamos a frouxesa dos encaminhamentos definidos — nenhuma proposta para os estados, nenhum critério de participação — que nos deixa à mercê das opiniões de cada diretório, ao invés de garantir desde já encaminhamentos democráticos e a prioridade na participação para quem está comprometida com o movimento.

A idéia surgiu entre as delegadas presentes à última pré-convenção nacional do PT: não dava mais pra continuar nos papos informais, nos telefonemas de última hora. Os problemas enfrentados por todas as que militam no movimento de mulheres, em qualquer estado, são praticamente os mesmos: como atuar diante da fundação, sem nenhuma base no movimento, das Federações de Mulheres? Que proposta levar para as eleições? Como organizar as mulheres dentro do PT? Como construir um movimento de mulheres de base?

Era preciso dar um salto e partir para uma discussão formalizada, a nível nacional, que aprofundasse nestas questões. Assim foi apresentada ao plenário da pré-convenção — e aprovada por aclamação — a proposta de um Encontro Nacional de Mulheres do PT, assumido pela Secretaria Nacional de Movimentos Populares e já discutido pela Comissão Executiva do Diretório Nacional.

Todas as condições estão dadas para que tenhamos um encontro produtivo. Além dos problemas comuns, vários estados já têm, há algum tempo, um trabalho articulado de mulheres petistas: Rio, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Pernambuco, Ceará e Amazonas, pelo menos.

ICM pode fechar creche

Pagamento de imposto impossibilitará manutenção da entidade

As últimas alterações na lei do ICM — Imposto sobre Circulação de Mercadorias, em dezembro do ano passado, ameaçam deixar sem abrigo e comida, quase 200 crianças que passam 10 horas por dia no Centro Comunitário e Creche Rio Pequeno, enquanto suas mães, a maioria faveladas, trabalham como empregadas domésticas.

O Decreto 18.345, no artigo 4.º, obriga as instituições beneficentes a recolherem ICM para o Estado. Na creche Rio Pequeno, no entanto, 50% da receita provém da fabricação e venda de roupas para indústrias e butiques, confeccionadas por empregadas da instituição. "Sem isso não poderemos sobreviver", garante a presidente da entidade, Blandina Meireles.

Há 17 anos, quando começou, a creche atendia 10 crianças numa pequena casa na avenida Rio Pequeno. "A gente foi crescendo. Trabalhando muito, construindo prédios, galpões, a oficina e hoje podemos atender 190 crianças de até 6 anos. Para o ano que vem queremos atender mais 90, porque estamos construindo outro prédio", diz a presidente.

Anteontem a diretoria da entidade procurou a esposa do governador, dona Sílvia Maluf, reivindicando o antigo benefício da isenção do ICM. A possibilidade da creche ser fechada está desesperando as mães. "Se fechar eu não vou ter onde deixar meu filho de 3 anos, porque tenho quatro filhos e não consigo vagas nas creches municipais. Trabalho de doméstica o dia inteiro e a criança vai ter de ficar na rua", disse ontem dona Maria Ana Nascimento e Silva.

Esse também é o problema de Elsa Cristina Ribeiro, uma faxineira que tem dois filhos na creche. "A gente é pobre. Não pode pagar escola para as crianças e se fechar essa aqui vai ser um sufoco", diz ela. A maioria elogia o trabalho da entidade. "As crianças saem daqui lavadas, trocadas e podem comer bem, o que nem sempre dá para fazer em casa. Aqui tem médico, dentista, moça que sabe explicar as coisas. As crianças ficam até educadas depois que vêm pra cá", diz outra mãe.



Foto Luis Novaes

A creche atende gratuitamente 190 crianças, inclusive com alimentação.

OFICINA

Na oficina de costura, que confecciona uniformes para operários, bandeirantes, escoteiros, roupas para butiques e para empregadas domésticas, a entidade faturou Cr\$ 33 milhões em 1981. Desse dinheiro, gastou Cr\$ 19,38 milhões na compra de tecidos e o restante com linha, botão, pagamento das funcionárias, manutenção das máquinas industriais, luz, água e impostos. "Se tivermos de pagar 16% de ICM, como quer o governo, não vai sobrar nada para manter as crianças", diz Blandina Meireles.

Na creche, as crianças recebem alimentação, tratamento médico — uma vez por semana — e dentário. Parte do leite e da sopa vai também para as famílias. "Essa gente tem muitos filhos e os que não podem ser atendidos aqui ficam sem comer", dizem as funcionárias da instituição.

Para o próximo ano, a diretoria da creche pretende construir outro prédio, de 240 metros quadrados, onde "durante a semana, as crianças da escola estadual Professor Daniel Verano Pontes possam fazer lição, tomar uma sopa, um pouco de leite e brincar, nas horas vagas, sem ter de ficar na rua, enquanto as mães trabalham", diz a presidente.

LEITE DE SOJA

Como forma de atrair essas pessoas, a entidade está investindo na instalação de uma usina de leite de soja. Parte do equipamento foi cedido pelo governo do Estado e o restante comprado com os lucros da oficina de costura. "Vamos distribuir leite de soja na vizinhança e obrigar, dessa forma, as pessoas a virem aqui conversar com médicos, psicólogos e voluntários", dizem as diretoras.

Muitas costureiras que trabalham na oficina têm filhos na creche. Outras aprenderam o ofício ali mesmo e hoje têm "um emprego para ajudar no orçamento de casa", como é o caso de Maria Tsuko Oba.

Para mater a creche, além da oficina de costura, a diretoria conta com ajuda do governo do Estado, através da Febem, da Prefeitura e de donativos. "Mas tudo isso ainda é pouco. Por isso, vamos instalar a usina de leite que, no futuro, poderá produzir o suficiente para a gente vender com preço inferior ao do mercado. Uma forma de ajudar as famílias carentes."

Tudo isso, no entanto, depende da isenção do ICM. "Se tivermos de pagar imposto não vai sobrar nada para a gente manter a creche. Nem poderemos instalar a usina de leite e vai faltar comida. Não vamos poder atender mais crianças no ano que vem e é possível até que a entidade não consiga sobreviver", teme a diretoria da creche.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Folha de São Paulo*
Data: *11/11/55*
Pág. *1*

Pasta n.º
N.º do recorte.....

Capital terá

Cr\$ 2 bilhões
9/5/80 F. L. P.
para creches

O prefeito Reinaldo de Barros informou ter obtido Cr\$ 2 bilhões para creches junto à Caixa Econômica Federal, em encontro mantido em Brasília com seu presidente, Gil Macieira. Os recursos serão concedidos através do Fundo de Assistência e Desenvolvimento Social da CEF, para a construção de 60 unidades na periferia de São Paulo. Segundo o prefeito, as licitações para execução das novas creches serão publicadas na próxima semana.

F. L. P.

Feminismo

O presente que falta às mães

IREDE CARDOSO

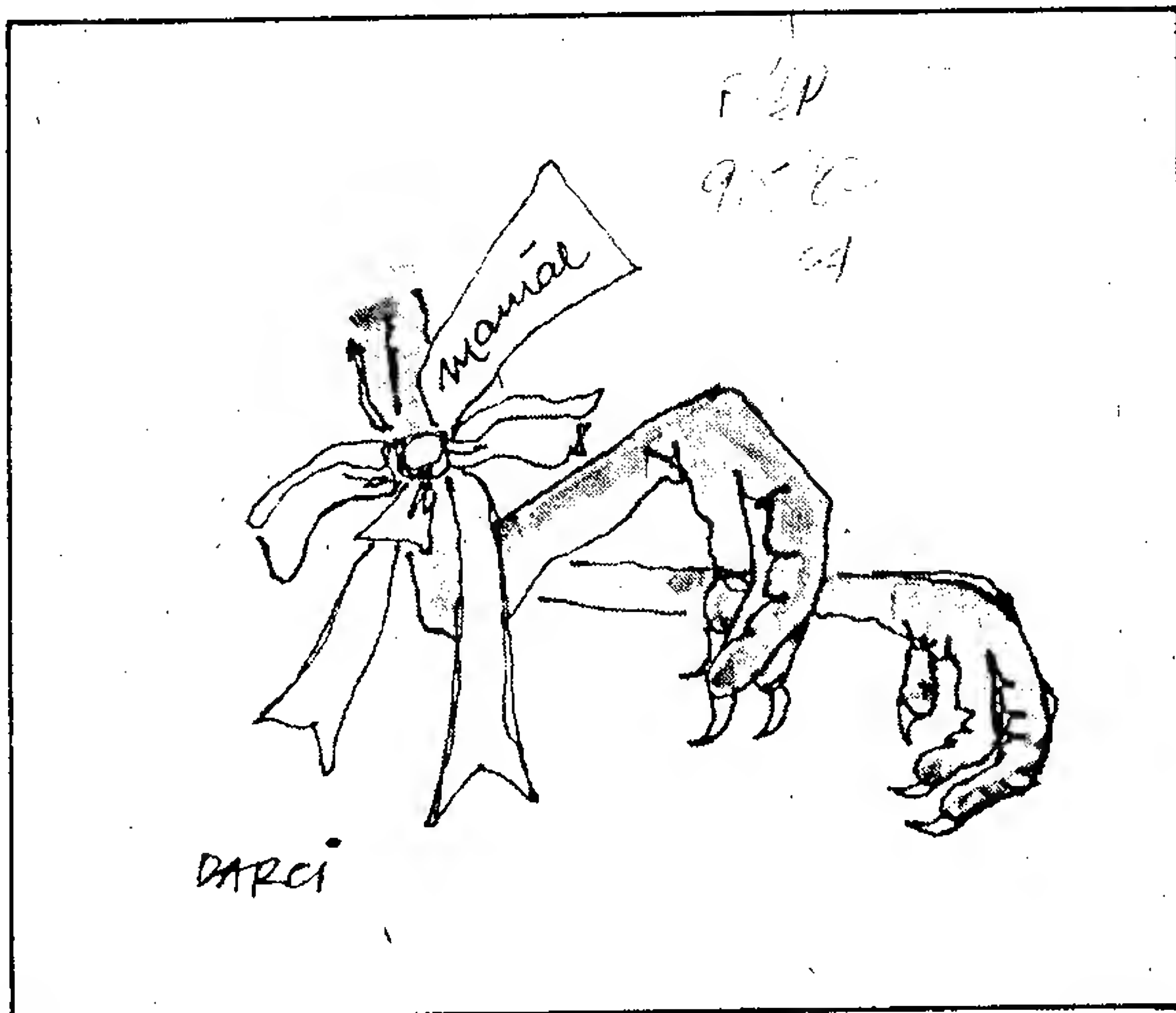
"Do que a mamãe não gosta?" Respostas de 10 alunos, filhos de mães que trabalhavam fora de casa, escola particular, classe média, todos eles com sete e oito anos: lavar roupa, cozinhar, passar, lavar louça. Realmente, mamãe ou não, as mulheres, à medida que passa o tempo, manifestam cada vez mais sua repulsa à dupla jornada de trabalho. E, portanto, hoje, Dia das Mães, que tal dar às mães que trabalham fora de casa um decreto proibindo a dupla jornada de trabalho? Poderá ser comprado numa loja, em módicas prestações mensais, com ajuda das novas tabelas do governo para o crediário?

Crianças com mães que não trabalham fora: mamãe não gosta de bater; mamãe não gosta de desordem na casa; mamãe não gosta que papai saia e volte tarde; que ele beba, que tenha outras mulheres; de receber muita gente no fim de semana, etc.

Ao menos as crianças descobriram que as mulheres-mães são seres humanos que merecem algum respeito. Não querem a dupla jornada de trabalho e irritam-se com as tarefas repetitivas que se impõem cotidianamente. Desejam um relacionamento humano digno com o companheiro e filhos e procuram um descanso semanal (sem remuneração), sábado e domingo, que não encontram, claro.

Mamãe precisa de muita coisa que não se compra em loja alguma. Mamãe está mudando e mamãe ainda sente culpa. Conhecem por aí algum aerosol que faça desaparecer o cheirinho de culpa quando ela sai para trabalhar e a criança fica chorando em casa? (Por que é que eles não fazem assim para os pais, também?) E onde estão as creches bem cuidadas para deixar os filhos — do pai e da mãe? Quem sabe aquele grande magazine ali na esquina possa nos vender uma creche, também em suaves prestações, sem entrada e mais nada?

E quem é aí que pode sugerir uma idéia para que as pessoas compreendam, mais e mais depressa, que a maternidade não é um fato social em si. É um fato biológico que contaminou o social. Isto é: só porque a mulher engravida e amamenta deve também cuidar sozinha da socialização do filho? O fato é, entretanto, que não nos cansaremos de repetir: o filho é também responsabilidade do pai, da empresa, do País. É um trabalhador e, como tal, deve ser tratado com respeito.



Como a mulher fica pensando que ser mãe é padecer no paraíso, alienar-se e deixa-se levar por uma ideologia que a esmaga como ser humano integral, inteiro, que tem reivindicações, desejos, fraquezas, cansaços, aspirações, preguiça. Um filho não pode ser pretexto para a anulação de um ser humano.

Mamãe quer ser mais que geradora, nutridora, socializadora. Mamãe quer ser tudo de bom e produtivo que possa desejar. Mamãe não quer viver na solidão de sua casa-túmulo, sem o amor e o respeito de seu companheiro. Mamãe não quer fazer parte dos móveis e utensílios. Não quer ser um robô que funcione eficientemente até arrebentar, de tédio e cansaço. Mamãe não quer ser uma fofoqueira, uma "habituée" de salões de beleza, ou que não dispõe de estímulo para crescer. Mamãe não quer ver o companheiro sendo chefe, dando as ordens, exigindo. Mamãe quer ouvir "por favor" e "muito obrigado". Mamãe quer ter o direito de dizer que não está disposta; que está com preguiça; que hoje vai ao cinema; mamãe quer dar risada e não ser obrigada a cumprir o "dever conjugal", o dito cujo.

Mamãe quer viver, ter prazer. Quer ser ouvida e respeitada.

Mamãe quer também ficar grávida e não ser dispensada do e íprego.

Quer salários iguais para trabalhos iguais. Sabe de uma coisa? Mamãe está cansada mesmo de ser tratada como aquela que nasceu para se sacrificar sozinha, comer sempre o peçoço ou o pé do frango, dizendo que adora. Sabe, ela quer poder deixar a cama desarrumada no domingo, comer com simplicidade e levar todo mundo a fazer a mesma coisa.

Por que será que mamãe tem que cozinhar para todo mundo, pôr e tirar a mesa, lavar os pratos, enxugá-los e guardá-los, na triste solidão da cozinha? Não dá para dividir? Será que mamãe nasceu para isso? Está escrito na testa? A você, mamãe, bom Dia das Mães.

Mamãe geralmente não tem futuro. Mesmo que seu trabalho seja em tempo integralíssimo e de dedicação exclusiva. Mamãe sempre vai depender do papai e depois dos filhos. Não é à toa que mulheres casadas e com filhos sofrem mais a depressão e tentam mais o suicídio. Mamãe quer saber de uma coisa? Está mais do que na hora de pensar no papai e na mamãe que ela tem dentro de casa. Pergunte hoje a si mesma, se é assim mesmo que a vida é e deve ser. Se é isso que deseja a seus filhos e suas filhas. Dê a si própria um presente: pense em tudo aquilo que sonha; pode ser que consiga muita coisa.

1574 9/11/82

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *Ex-Ex*Data *09/05/82*Pág. *38*

Pasta n.º

N.º do recorte

Creche para
Metrô-Emplasa
F/EP 9/5/82
abre amanhã

Será inaugurada amã-
nhã, às 15 horas, a creche
da Companhia do Metro-
politano (Metrô) e da Em-
presa Metropolitana de
Planejamento da Grande
São Paulo (Emplasa).

A creche vai funcionar
num sobrado adaptado da
rua Bela Cintra, 898, si-
tuado em local de fácil
acesso para as mães fun-
cionárias das duas em-
presas vinculadas à Se-
cretaria. O prédio tem seis
cômodos e pátios, transfor-
mados em salas de aula e
locais de recreação.

Para a criação da creche
Metrô/Emplasa foi feito
completo levantamento das
necessidades das funcio-
nárias das duas empresas.
Serão atendidas, inicial-
mente, 44 crianças, com
idades de três meses a 3
anos.

Campinas vai inaugurar cinco creches este ano

A Prefeitura de Campinas espera colocar em funcionamento, até o final deste ano, mais cinco creches que, somadas às outras 25 já existentes, poderão atender cerca de 70% da população infantil carente da cidade. Até o presente momento, as creches da Prefeitura de Campinas, que ocupam uma área de quase noventa mil metros quadrados, atendem mais de quatro mil crianças.

As creches de Campinas são consideradas um modelo tanto pelo seu estilo arquitetônico como pelo mobiliário interno e o atendimento dado às crianças, do ponto de vista nutricional, emocional e educativo de um modo geral. A cada nova construção, a creche campineira vai sendo aperfeiçoada e hoje já atingiu características muito peculiares, com a colocação de pias e vasos sanitários em tamanho reduzido, criação de galpões cobertos para recreação em dias de chuva e o maior aproveitamento possível do espaço, permitindo assim uma autonomia maior das crianças.

A qualidade destas creches tornaram-se conhecidas mesmo em outras cidades. Recentemente, um grupo de mulheres de São Paulo, acompanhadas pela deputada Irma Passoni, estiveram em Campinas para conhecer as novas creches e voltaram entusiasmadas com o seu funcionamento.

ALIMENTAÇÃO

Além de possibilitar que as mães trabalhem, contribuindo assim com a melhoria dos rendimentos da família, as creches construídas pela Prefeitura de Campinas apresentam outra vantagem: seu rico cardápio balanceado e variado, que tem contribuído para diminuir os casos de subnutrição infantil crônica, uma das principais causas da repetência escolar.

Não são poucas as histórias de crianças que entraram nas creches municipais apresentando um quadro clínico de completa subnutrição e peso abaixo da tabela mas que, em pouco tempo, se recuperaram de forma inacreditável.



Foto: Deril Marques

A creche da Unibes presta diariamente atendimento a 275 crianças no Bom Retiro.

A Unibes pretende expandir serviços

Entidade do Bom Retiro abriga 275 crianças

A Unibes — União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social, que atende hoje 275 crianças carentes de 2 a 16 anos, está querendo ampliar sua assistência. "Nosso objetivo é ficar com os jovens até 18 anos de idade, ensinar-lhes uma profissão e encaminhá-los ao trabalho. Evitar que fiquem nas ruas e permitir que possam ajudar no orçamento familiar", segundo a vice-presidente da entidade, Anita Shuartz.

Embora seja deficitária, "como a maioria das obras filantrópicas", segundo o administrador Sérgio Pena, a Unibes já funciona há 67 anos. Surgiu da fusão da Organização Feminina Israelita de Assistência Social, da Sociedade Israelita de Beneficência e da Policlínica. No ano passado, apesar de ajuda do governo do Estado, da Prefeitura e da LBA, o déficit foi de 2 milhões de cruzeiros. "Mas resolvemos o problema com as vendas no bazar e com a ajuda da comunidade", diz o administrador.

Além das crianças atendidas nos cursos maternal, jardim, pré-primário e primeiro grau, a entidade assiste também crianças de outras escolas e que moram no bairro do Bom Retiro. "Depois das aulas elas vêm para cá, onde almoçam, lancham, fazem lição e têm atividades culturais e de lazer", explicam os diretores. A maioria é carente, os pais trabalham o dia todo e moram em cortiços.

"O cortiço, muito comum na região, é até pior do que a favela. As crianças não têm individualidade. Moram em quartos com os pais e outras famílias, sem espaço e sentem inúmeros problemas", diz Anita. Para amenizar esses problemas, a entidade mantém atendimento de psicologia, fonoaudiologia, dentista, médico e orientadores pedagógicos.

Nos domingos e feriados, as crianças são levadas a teatros, circos, parques de diversão e são acompanhadas, nessas atividades, por voluntários. Mas "faltam voluntários", queixam-se os diretores da entidade. A orientação pedagógica, no entanto, só é feita por "profissionais habilitados", garantem eles.

PROFISSIONALIZAR

Para que possam ajudar no orçamento familiar — quase sempre escasso — a Unibes está profissionalizando crianças de 10 e 16 anos. "Estamos ensinando a eles como consertar liquidificadores, ferros de passar roupa, lâmpadas, tomadas, fios elétricos e coisas do tipo, para que possam fazer isso nas horas vagas e ganhar algum dinheiro. Também damos cursos de office-boy, com certificado e tudo e muitos deles conseguem emprego através da bolsa de empregos que mantemos aqui", explicam os mantenedores da entidade.

Mas a Unibes não atende apenas às crianças. Uma vez por mês os pais, depois de selecionados pela assistência social da entidade, recebem cotas de alimentos e roupas. Com a receita conseguida nas promoções — festas, bazares e outras — a diretoria compra os alimentos e "principalmente roupa de cama e mesa que as pessoas não doam", explicam.

Também os idosos têm atividades. A Libe (o departamento encarregado desse atendimento) é dirigido por voluntárias. Além das festas e atividades culturais, os idosos aprendem artesanato e costura. Muitos também conseguem trabalho. "Procuramos encaminhá-los para serviços especiais como damas-de-companhia, zeladores e costureiras."

Samuel Santos Santana, um garoto de 10 anos, na 3.ª série primária, diz que "esse é o melhor lugar que eu já fui. A gente gosta mais de ir no patio e de brincar, mas fazer lição também é bom", argumenta. Ele morava com a avó e mais cinco irmãos. Recentemente a avó faleceu e agora ele e os outros três que frequentam a escola são criados pela irmã mais velha, de 14 anos, num quarto de pensão do Bom Retiro.

Histórias como essa são comuns entre os alunos. Eraldo Lopes, de 8 anos, por exemplo, gosta da escola porque "a comida é mais gostosa e tem bastante", justifica. Os uniformes que usam são cedidos pela entidade. Os aniversariantes do mês recebem de presente um abrigo que passa a ser seu uniforme de inverno.

Muitas mães também fazem elogios ao atendimento. Eni de Paula Gomes, uma funcionária pública que recebe Cr\$ 28.000,00 por mês, tem dois filhos na Unibes. "Eu pago Cr\$ 1.000,00 por mês aqui, mas às vezes nem dá para isso. Tenho de pagar aluguel e eles entendem sem problemas. Parecem os pais da gente", diz ela.

No Peach — o canto como chamam — diversas voluntárias trabalham na separação das doações. "Aqui chega de tudo. O que tem de melhor vai para as famílias que atendemos, umas duzentas por mês, e o resto a gente vende no bazar, que também reverte para a manutenção da obra", dizem elas.

Agora, a principal reivindicação da diretoria da Unibes é conseguir que as autoridades municipais instalem um semáforo ou coloquem um guarda de trânsito para orientar a travessia das crianças de um prédio para outro, na rua Rodolfo Miranda, altura do número 293.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *Folha de São Paulo*
Data *12/05/82*
Pág. *10*

Pasta n.º

N.º do recorte

R32 *12/5/82*
**Prefeito acusado de não
cumprir meta de creches** *p. 10*

Mães de várias regiões da periferia de São Paulo representando o Movimento de Luta por Creches estão cobrando do prefeito Reinaldo de Barros, que deixará o cargo depois de amanhã, o cumprimento da promessa que fez, há três anos, de construir 830 creches. Desde que assumiu a Prefeitura, segundo o Movimento, Reinaldo de Barros vem diminuindo, ano a ano, esse número, embora tenha afirmado,

em 1979, que abandonaria o cargo, se não cumprisse todo o programa. Hoje, porém, seus folhetos de propaganda eleitoral falam num projeto de apenas 300.

Destas, a Prefeitura apresenta uma lista de 104 novas creches em funcionamento e anuncia a construção de mais 74, nos próximos meses. Para o Movimento, contudo, estão funcionando efetivamente apenas perto de 90 unidades, pois algumas não têm funcionários e outras, cujos prédios serviam a núcleos comunitários e foram transformadas em locais para reuniões, continuam constando da listagem como creches.

O mais grave, segundo Tânia Corralo Haamoud, representante do Movimento na Zona Sul, é que o funcionamento das creches é precário e muitas delas atendem a um número de crianças muito inferior ao previsto, por falta de funcionários.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGASDepto. de Pesquisas Educacionais
BibliotecaJornal: *C. R. J. SPALCO*
Data: *12/05/82*
Pág. *15*

Pasta n.º

N.º do recorte

**42 A falta de
aleitamento
mata em RO**Do correspondente em
PORTO VELHO

Sessenta em cada mil crianças entre zero e um ano morrem, em Rondônia, a maioria por falta de aleitamento materno, segundo a Secretaria de Saúde do Estado. O problema é causado na maior parte das vezes "pela falta de um processo educativo para as próprias mães", diz nota divulgada pela assessoria de imprensa da Secretaria.

Esses números, no entanto, chegam a ser contestados pela falta de condições da própria Secretaria em manter um controle rígido em toda a zona rural, já que não são registrados os óbitos ocorridos em locais distantes às vezes cem quilômetros através de picadas abertas na selva.

Em sua nota a Secretaria de Saúde aconselha as mães a amamentar os filhos pelo menos durante os seis primeiros meses de vida.

Prefeito denunciado por não construir as creches prometidas

O movimento de Luta por Creches voltou a reunir-se ontem, desta vez para denunciar as promessas não cumpridas pelo prefeito Reynaldo de Barros, que deixa o cargo sexta-feira para dedicar-se à campanha de candidato a governador. Se depender das mães que integram o movimento, Reynaldo não se elege: elas estão inconformadas por ver que, das duas mil creches prometidas no início da administração, apenas 104 foram construídas e, mesmo assim, em condições tão insatisfatórias que faltam sabonetes e outros materiais de limpeza em muitas delas.

"No dia 10 de outubro de 1979 — lembrou Lourdes Perez Cardoso de Andrade — o prefeito prometeu construir as duas mil creches; um mês depois, reduziu esse número para 830 e, agora, em seu mais recente boletim de propaganda, anuncia que a meta é de 300 creches."

Acrescentando que Reynaldo de Barros não permite a participação dos pais e da comunidade nas poucas creches construídas, "para que não sejam constatadas as irregularidades", as mães afirmaram que, em menos de um ano de uso, há paredes rachadas, vazamentos, fossas e bueiros entupidos, ameaçando a saúde das crianças. Segundo elas, também faltam funcionários, material pedagógico e até a alimentação foi reduzida.

As informações oficiais de atendimento a nove mil crianças foram colocadas em dúvida pelo movimento — "há muitas minicreches que não têm capacidade para mais de 50 crianças" — que se referiu à fila de 50 mil crianças inscritas, aguardando vagas. Para atender a esta procura, seriam necessárias mais 500 creches, pelo menos. "Quando pedimos ao prefeito que aumentasse o número de funcionários — disseram as mães —, ele falou que havia gente demais e que a sua preocupação era com a comida das crianças. Na verdade, porém, não há nem viaturas para levar as

crianças ao pronto-socorro mais próximo, em caso de urgência, embora as creches fiquem distantes, na periferia."

As promessas não cumpridas serão cobradas do novo prefeito, Salim Curitiba. A data da manifestação ainda não foi marcada, mas o Movimento de Luta por Creches tem uma longa lista de reivindicações, entre elas a construção de parques em áreas externas próximas, "já que as creches foram construídas em terrenos acidentados com pouco espaço livre para as crianças".

As mães também querem que as dependências das creches sejam ampliadas, para que as crianças possam correr ou andar, e que o piso seja revestido de borracha ou material semelhante, para diminuir a fratura do cimento. Outra reivindicação é que as paredes sejam de azulejos, facilitando a higiene, e que o lactário seja separado da cozinha.

O movimento afirmou ter conseguido a ajuda do Sindicato dos Arquitetos e dos Engenheiros para ~~visitar~~ *visitar* as creches e levantar todos os problemas a serem corrigidos em reformas anunciadas pelo próprio prefeito Reynaldo de Barros. "Em cima da hora, porém, o prefeito mudou de idéia e não deixou que o sindicato ajudasse, e as reformas estão esperando até agora", acrescentaram as mães.

CONTRATO

O prefeito Reynaldo de Barros e o presidente da Caixa Econômica Federal, Gil Macleira, assinaram ontem no Ibirapuera um contrato de financiamento no valor de Cr\$ 2 bilhões, para a construção de mais 700 creches em bairros da periferia.

As obras serão executadas pela Secretaria de Serviços e Obras e Empresa Municipal de Urbanização, e 17 delas já foram iniciadas. Cada creche, segundo o plano, atenderá a 100 crianças em dois períodos, beneficiando um total de 11.100 crianças de famílias carentes.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DE SÃO PAULO*

Data: *12/05/82*

Pág. *1*

Pasta n.º

N.º do recorte.....

CEF: 2 bilhões para construção de 74 creches

Contrato de financiamento no valor de dois bilhões de cruzeiros foi assinado, ontem, pelo prefeito Reinaldo de Barros e o presidente da Caixa Econômica Federal, Gil Maciel, no Ibirapuera. Com esses recursos, a Prefeitura deverá construir 74 creches na periferia de São Paulo.

O financiamento concedido pela CEF, através do Fundo de Assistência e Desenvolvimento Social, possibilitará a abertura de 11.100 vagas para crianças de até seis anos de idade, moradoras em bairros de 14 Administrações Regionais.

O contrato envolve um total de 1.147.507 Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, a serem pagas em 12 anos, com juros de 6% ao ano e correção de 60% das ORTNs. Das 74 creches, 17 já foram iniciadas e as outras 57 deverão ser construídas, a partir de junho, pois suas licitações serão publicadas ainda esta semana.

Na cerimônia, o prefeito Reinaldo de Barros destacou que esse novo lote de creches integra o seu plano de governo "de construir até o final da administração 300 creches para a cidade de São Paulo. Até o momento já foram abertas ou licitadas 230 unidades. Até março de 1983 a meta seguramente será atingida. Saio para concorrer às eleições de novembro — acrescentou — mas tenho certeza que meu sucessor, o deputado Antônio Salim Curiati, dará prosseguimento à obra e completará o programa".

Já o presidente da CEF, Gil Maciel, assinalou que a Caixa estará presente "em toda reivindicação destinada a melhorar a qualidade de vida da população, pois essa é a meta fixada pelo Governo do presidente João Figueiredo".

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *REDAÇÃO*
Data *12/05/82*
Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte

Prefeitura tem dinheiro da CEF para as creches

Um contrato de financiamento no valor de dois bilhões de cruzeiros foi assinado, na manhã de ontem, pelo prefeito Reinaldo de Barros e o presidente da Caixa Econômica Federal, Gil Macieira, no Ibirapuera. Com esse dinheiro, a Prefeitura deverá construir 74 creches na periferia.

O financiamento concedido pela CEF, através do Fundo de Assistência e Desenvolvimento Social, possibilitará a abertura de cerca de 11.100 vagas para crianças de até 6 anos de idade, moradoras em bairros periféricos de 14 Administrações Regionais.

O contrato envolve um total de 1.147.507 Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, a serem pagas em 12 anos, com juros de 6% ao ano e correção de 60% das ORTNs. Das 74 creches, 17 já foram iniciadas e as outras 57 deverão ser construídas a partir de junho próximo, pois suas licitações serão publicadas ainda esta semana.

O prefeito Reinaldo de Barros disse que seu objetivo era construir 300 creches em São Paulo e que até o momento já foram abertas ou licitadas 236 unidades. Acrescentou esperar que seu sucessor, Salim Curiati, dê prosseguimento ao programa e construa as creches restantes até março de 1983.

Mato e esgoto junto à creche municipal

FISP 12/5/82
Crianças brincam perigosamente no lixo

A rua Fausto Blasi, no bairro do Rio Pequeno, próxima à creche do Jardim Ester Iolanda, encontra-se em completo estado de abandono, sem pavimentação, com o esgoto correndo a céu aberto e terrenos cheios de mato. Isso, apesar de ficar perto da creche, o que, por si só, serviria para que a Prefeitura a mantivesse — assim como as ruas vizinhas — em melhores condições. A reclamação foi feita à "Folha Emergência" por Edione Leite Soares. Segundo ela, além desses problemas, a rua Fausto Blasi não tem qualquer segurança, pois "os terrenos abandonados servem de refúgio a marginais".

Os problemas da Fausto Blasi não são, contudo, exclusivos dela. Nas redondezas, as ruas Mário Belmonte e Manoel Petisco são semelhantes, assim como muitas outras do Rio Pequeno, região carente da zona Oeste, onde proliferam favelas, principalmente às margens do córrego Pirajuçara. Segundo os moradores, a Prefeitura já prometeu asfaltar as ruas várias vezes, "mas só ficou em promessa".

INSEGURANÇA

"Todas as casas da rua Fausto Blasi já foram assaltadas em plena luz do dia", afirmou dona Cecília Leite Moreira. Ela acrescentou que "esses terrenos abandonados pelos proprietários e cobertos de mato dão abrigo a um número muito grande de marginais. Além de ratos, é claro. E eu nem quero contar dos ratos que já vi por aqui".

Dona Cecília enumerou os problemas da rua: "Aqui não tem rede de esgoto e a sujeita corre, mesmo, pelos cantos da rua, quando não pelo meio. Falta o asfalto que a Administração Regional do Butantã já prometeu fazer. Quando chove, não há caminho de lixo que consiga subir. E aquela escadaria, que liga a Fausto Blasi à Manoel Petisco, vira uma verdadeira catarata, trazendo toda a água e o lixo da rua de cima para a nossa rua. Isso aqui fica uma lama que só vendo."

Ampliando as reclamações da região, dona Domingas Marchetti assinalou que o terreno ao lado da creche, na rua Mário Belmonte, também está completamente abandonado. "Olha só a quantidade de lixo que as pessoas jogam ali. E a Prefeitura não limpa. Será que ela não pensa nas crianças da creche? Qualquer hora do dia você pode ver as crianças daqui do bairro



As ruas estão abandonadas e esburacadas.

brincando perto do lixo, ou mesmo em cima dele. Isso aí é uma calamidade."

ESCADARIA

Calamitoso mesmo está o estado da escadaria que liga as ruas Fausto Blasi e Manoel Petisco. Em alguns trechos, a escadaria — que deveria facilitar a passagem de pessoas — chega a dificultar e, até mesmo, impossibilitar o trânsito de pedestres. Cobertas de água suja e limosa, as escadas só servem, como disse dona Cecília, como "catarata" nos dias de chuva. Só conseguem passar por ela os que se arriscam a equilibrar-se sobre uma mureta muito estreita. Mesmo assim, contando com o apoio nas cercas que a margeiam.

Dona Vitória Maria Nogueira mora no alto da escadaria, já na rua Manoel Petisco, e disse que tenta fazer sua parte. "Eu e minha filha lavamos semanalmente até a metade da escada, mas dois dias depois já está tudo sujo de novo. Mais para baixo, onde está cheio de água de esgoto e lixo, nós nem chegamos perto. Só quando chove forte é que isso aqui fica um pouco mais limpo. Mas, quando não está limpo, já vi muita gente escorregar e cair nesse limbo", declarou.

Que triste modo de tratar as crianças!

Embora seja uma das principais realizações anunciadas por Reynaldo de Barros em sua administração, as creches de São Paulo estão enfrentando uma situação dramática: falta de funcionários, material pedagógico, conservação dos prédios e até mesmo alimento para as crianças.

J. Tarde

12/5/82



A creche do Jardim Eliane, pequena para 34 crianças.

Na Figueira Grande, 500 nomes na lista de espera.

REPORTAGEM DE JÚLIO MORENO. FOTOS DE GERALDO GUIMARAES.

Entre: aqui deveria funcionar o berçário para crianças até oito meses de idade. Deveria. Mas não está funcionando. Veja você mesmo a razão: levante seus pés. Essa mancha molhada no chão cimentado, reproduzindo seus sapatos, é sinal de que a construção não foi bem feita, faltou a drenagem do terreno e o piso é fino demais — a sala virou uma câmara frigorífica. Note as paredes: de tempos em tempos, elas precisam ser limpas, pois ficam pretas de bolor, como também os colchões aqui depositados.

mesmo condições para o

"berçário menor" da creche municipal do Jardim Monte Alegre, na zona Norte, funcionar. Mas a sala ao lado não tem muita diferença, é igualmente úmida e lá funciona a classe do "pré-primário". As crianças brincam, comem e... dormem sobre esse chão gelado. Em lugar de um colchão, as funcionárias da creche colocam dois para cada criança: é uma tentativa de minimizar o problema.

Agora veja a situação dessa outra creche, a Parque São Rafael I, junto a uma favela no outro lado da cidade, próximo à divisa com o município de Santo André. Ela

não tem forro, cobertores são usados para abafar o vento frio que entra pelas janelas e o "berçário maior", para crianças de oito a dezoito meses de idade, só funciona porque alguns armários foram improvisados como divisórias, criando-lhe um ambiente independente dentro do galpão da creche. E se você for à Vila Carmosina, na zona Leste, verificará que por falta de funcionários a creche municipal do bairro atende a apenas 35 crianças e não 70, sua "capacidade nominal".

Prossiga sua pesquisa, visite outras creches da Prefeitura em qualquer região de

São Paulo. Você poderá constatar que esses problemas não são isolados, eles se repetem em várias creches. As que foram citadas são meros exemplos. Um aviso: essa visita só pode ser feita com autorização especial da Coordenadoria do Bem-Estar Social (Cobes). Com tal documento, ouvindo segredos dos funcionários e conversando com as mães de crianças atendidas por essas creches, o *Jornal da Tarde* conseguiu descobrir — e documentar — que até a quantidade dos mantimentos, do material de limpeza e do material pedagógico caiu muito em relação a 1981.

Discursos mentirosos

Um dos pilares do "governo social" de Reynaldo de Barros, as creches construídas pela atual administração municipal têm sido transformadas em vedetes nos últimos pronunciamentos do prefeito como candidato a governador pelo PDS. Só que entre os discursos e a realidade há uma distância enorme.

A começar pelo número de creches existentes. Em recente aparição na televisão, Reynaldo de Barros afirmou que "estamos chegando às 300 creches prometidas, que atenderão a cerca de 70 mil crianças". O seu sucessor, Antônio Salim Curiati, andou repetindo coisa igual. Na verdade, dados do próprio Cobes mostram que estão em funcionamento apenas 103 creches, incluindo-se seis construídas em administrações anteriores. Outras dez estão concluídas, várias das quais têm sido inauguradas nesse final de administração. Há ainda mais 64 em obras e outras 80 programadas, aguardando verbas federais para terem suas obras licitadas. No total são, então, 257 creches. Subtraindo-se as seis já existentes antes dessa administração, temos 251, o que representa um déficit de 49 creches para a meta programada para 1982.

Essa meta, por sua vez, é bem menor do que a primeira promessa feita por Reynaldo de Barros: em outubro de 1979 ele afirmara, publicamente, que construiria 830 creches. O que ainda seria pouco para as necessidades da cidade. Naquele mesmo ano de 1979, a Prefeitura divulgou cálculos que indicavam que São Paulo precisaria de 1.735 creches para 120 crianças cada e mais 8.677 minicreches para 50 crianças cada.

Em outras palavras: seria preciso atender cerca de um milhão de crianças, de 0 a 6 anos de idade. Em contradição com o que disse o prefeito, nos camês que estão sendo distribuídos, nas últimas semanas, aos contribuintes do ISS, a Prefeitura informa que aquele imposto ajuda o Município a manter 36 mil crianças em creches. Nem isso é verdade: hoje, incluindo-se as creches recentemente inauguradas, a Prefeitura atende 12.558 crianças, segundo a própria Cobes. Um número oficial do qual também é perfeitamente lícito duvidar-se: ele indica a "capacidade nominal" das creches, não a sua ocupação atual.

Um perigo: depósitos.

Em geral, as creches estão funcionando

30 por cento abaixo da capacidade prevista. Por exemplo: a creche do Jardim Cupecê, em Santo Amaro, programada para 120 crianças, funciona atualmente com 87 apenas. Outro caso: a creche do Parque São Rafael II, em Vila Prudente, tem capacidade para 70 crianças, mas funciona hoje com 43. Uma das principais razões é a falta de funcionários, como pode ser visto em Vila Carmosina, caminho de Itaquera, que atende a apenas metade das crianças que deveria estar atendendo. Inaugurada em setembro do ano passado, deveria ter 14 pagens, mas tem apenas seis. Com apenas uma auxiliar, sua enfermaria funciona só até às 14 horas. A única faxineira está licenciada, por doença, sem ter substituta. "O que vale é que o pessoal é unido, caso contrário não teríamos condições de funcionar", diz a diretora.

Há casos em que falta também espaço físico para que a capacidade nominal seja obedecida. Estão nessa situação todas as creches que aproveitaram prédios de antigos núcleos comunitários, sem a necessária adaptação. Exemplos: a Parque São Rafael I, em Vila Prudente, e a Jardim Eliane, na zona Leste. Elas não possuem o "berçário menor" justamente porque são pequenas demais. A do Jardim Eliane tem um "solarium" ridículo para atender suas 34 crianças: tem 3,5 metros por cinco metros. Como a creche não tem zelador, o mato cresce à vontade à sua volta, colocando as crianças sob a ameaça de ratos, aranhas e outros bichos. O guarda noturno foi quem conseguiu os armários do "berçário maior", com madeira obtida de Cobes depois de muitos memorandos.

As creches que não têm seu quadro de pessoal completo são as que mais sofrem com as faltas de funcionários, coisa bem rotineira. São comuns os casos de licenças por tensão, doenças da pele, dores de cabeça, etc... O próprio Wilson Quintella Filho, coordenador do Bem Estar Social, fez a experiência: passou um dia inteiro numa creche e constatou que a tensão é enorme. Segundo ele, a Prefeitura deverá contratar mais pagens e diminuir o horário de trabalho de 8 para 6 horas e 36 minutos, numa tentativa de superar o problema. Mas as pagens, em geral, reclamam do salário, que

era de Cr\$ 17 mil e passou teoricamente para Cr\$ 21 mil em abril. Só que neste mês foi descontado o abono dado em fins do ano passado e muitas receberam só Cr\$ 15 mil, menos do que em março.

Pedagogos e assistentes sociais são da opinião de que ao invés de aumentar o número de funcionários por creche, a Cobes deveria é diminuir o número de crianças por estabelecimento, construindo mais creches. A experiência tem demonstrado que as creches que funcionam com mais de 60 crianças tornam-se impraticáveis. Primeiro porque o espaço físico acaba sendo pequeno, impedindo as crianças de explorarem o ambiente, o que é vital para meninos e meninas acima de um ano e meio de idade. Segundo porque, superlotadas, as creches tendem a tornar-se simples depósitos de crianças, uma vez que os funcionários não podem dar a atenção e o afeto que a garotada necessita. "Nem o nome de todas a gente consegue guardar", diz uma

auxiliar de direção.

Nomeações políticas

Por causa das creches, o número de funcionários da Cobes pulou de 1800, há dois anos, para 8700, sendo "98% operacional", segundo Wilson Quintella Filho. "Não somos cabide de emprego", ele gosta de afirmar. A seleção do pessoal é feita por concurso prestado na Fundação Carlos Chagas. As diretoras, entretanto, são nomeadas diretamente pelo prefeito. No início, todos os funcionários eram escolhidos pela própria comunidade do bairro, o que foi extinto porque os partidos políticos estavam brigando para assumir esse controle na prática.

O novo método, contudo, não continua agradando. Ainda há suspeita de favorecimento político, agora exclusivamente ao PDS. No Jardim Capela, um bairro no sul da cidade, junto à represa de Guara-

piranga, a creche inaugurada há alguns meses ainda não está funcionando por falta de gente para trabalhar. Sebastião Pereira de Sá, presidente da Sociedade Amigos do Bairro, diz que como o lugar é longe, ninguém se interessa pelo emprego. "E a solução está aqui mesmo: há muitas pessoas desempregadas no bairro que gostariam de trabalhar na creche, gente sã, sem imperfeições, mas reprovadas no concurso, não sei por quê. E nem as cinco ou seis que passaram eles chamam."

A deputada Irma Passoni, do PT, que acompanha esse caso, diz que não duvida da honestidade do concurso da

Car-

los Chagas, mas levanta suspeitas sobre os critérios adotados pela Cobes para a nomeação dos aprovados. "Já recebi inúmeros pedidos de cartas de apresentação de pessoas que foram aprovadas no concurso e assim mesmo precisam de padrinhos para serem nomeadas. É claro que eu nego, mas sei que no PDS tem gente que dá."

Sebastião e Irma fazem parte do "Movimento de Creches", nascido em vários bairros há dez anos. Esse movimento, pressionando exaustivamente as autoridades, teve um papel decisivo na luta para a Prefeitura construir as creches, especialmente depois que foi unificado por volta de 1978. Mas Reynaldo de Barros não cita isso em seus discursos, dando a entender que foi ele quem descobriu sozinho a necessidade das creches na cidade.

No caso de Sebastião, a injustiça é maior ainda. O bairro todo reconhece que ele foi a pessoa que mais brigou pela creche do Jardim Capela. Sua Sociedade, inclusive, era quem pagava os almoços do funcionário municipal que fez a terraplenagem do terre-

no da creche. No entanto, Sebastião sequer foi convidado para a inauguração do estabelecimento.

Irma condena o uso político que Reynaldo de Barros está fazendo das creches, para se eleger governador, o que classifica como um "crime". Ela afirma: "Ninguém pode eleger-se em cima de creche inaugurada. Esse assunto deveria ser um plano de governo, algo mais sério, contínuo, que independesse de eleições". Para a deputada, ao invés de caçar votos com as creches, Reynaldo de Barros deveria preocupar-se em melhorar a qualidade das existentes e construir mais, muito mais creches. Demanda, de fato, existe. A lista de "espera" da creche Figueira Grande já passou de 500 nomes. Na Vila Maria o total, atualmente, é de 251. "É difícil convencer as mães de que não há vaga", diz uma assistente social dessa creche. Na Vila Brasilândia o problema foi resolvido de outra forma, segundo uma auxiliar da direção: "Nós mandamos voltar depois: se pegamos o nome, o pessoal fica em cima, exigindo o lugar".

A TV não mostra

Não é propriamente uma regra, mas foi mais ou menos assim que aconteceu: os bairros que mais reivindicaram creches foram atendidos prioritariamente pela Cobes. Foi um azar: eles tiveram que pagar pelo pioneirismo. A própria Cobes reconhece que as creches erguidas na primeira fase, entre 1980 e início de 1981, são as piores em termos de construção.

As creches mais novas — como a do Jardim Vera Cruz, inaugurada no dia 30 — tem dois pavimentos, revestimento externo, uma boa área livre ao redor; piso de "paviflex", azulejos nos banheiros e cozinha e lactário isolado das cozinhas. Enfim, um projeto bem melhor, mais aconchegante, que as primeiras. Seu custo é de cerca de Cr\$ 25 milhões.

São creches assim que o prefeito mostra na televisão, não aquelas semelhantes à Figueira Grande, na Administração Regional de Campo Limpo. Trata-se mais precisamente da primeira creche inaugurada nessa administração, em janeiro de 1981. Um só pavimento, blocos de cimento à vista, pisos apenas cimentados, paredes de banheiros apenas pintadas (e com uma tinta que descasca facilmente) e dimensões menores. Durante um ano inteiro suas crianças conviviam com seguidos transbordamentos da

fossa, mal dimensionada. O problema só foi resolvido há pouco tempo, com a abertura de uma segunda fossa, o que

ficou mais barato do que as seguidas viagens de um caminhão limpa-fossa até a creche.

Em consequência do problema, o tanque de areia onde as crianças brincam foi contaminado.

Um problema comum das creches mais antigas é o piso cimentado das classes.

Há promessas de que elas receberão revestimento de "paviflex", como as creches novas,

mas enquanto isso não ocorre as funcionárias fazem campanhas para obter tapetes velhos das famílias das crianças. Ou utilizam jornais para forrar o chão.

Tudo é válido para evitar que as crianças tenham contato permanente com aquele piso invariavelmente gelado. No Jardim Monte Alegre, na AR

de Pirituba-Perus, esse problema se tornou mais grave por causa do péssimo local escolhido para a instalação da creche. E aquele caso da creche cujo "berçário menor" foi interditado por problemas de umidade. Ela foi construída junto a um córrego, num terreno turfosso, que não foi devidamente drenado. Não só a construção tem problema: também a área livre ao redor da creche, gramada, vive encharcada, o que quase sempre impossibilita o seu uso pelas crianças. Nem árvores frutíferas plantadas ali vingaram. Essa creche ficou pronta em julho de 1981, mas só foi inaugurada em novembro: teve que ser reformada antes de ser utilizada.

O pior lugar

Não se trata, infelizmente, de um problema isolado. No Parque Santo Antonio, AR de Campo Limpo, a creche foi construída justamente no pior lugar do bairro: o fundo de um apertado vale, cercado de colinas desabitadas por todos os lados. Quando chove, só a pé consegue-se chegar ali: assim mesmo com lama até os joelhos. Um córrego passa dentro do terreno da creche e só depois de muita reclamação ele foi canalizado. Pela metade. A outra parte ainda continua provocando inundações, em dias chuvosos, o que leva doenças para dentro da creche. Para complicar, a creche não contava com água canalizada até há duas semanas, apesar de ficar a curta distância de um reservatório da Sabesp. Isto muito provavelmente contribuiu para a ocorrência recente de alguns casos de salmonela entre suas crianças, o que tem preocupado as mães do bairro.

Ao que tudo indica não houve muito planejamento na construção desses estabelecimentos. A creche do Jardim Ernestina, em Santo Amaro, concluída no início do ano passado, ainda não está funcionando. Motivo: ela teria sido construída em terreno particular, conforme processo que corre na Justiça. Enquanto nada se decide, a creche está fechada e se deteriorando. Já teve que passar por duas reformas, uma para consertar o telhado, outra para estancar as rachaduras das paredes. Outras creches prontas não foram inauguradas por falta de equipamentos.

A creche de Vila Brasilândia, inaugurada em agosto de 1981, não tem área livre para as crianças brincarem, apenas um corredor. E ela já é do tipo das mais novas, com dois pavimentos. "Isto parece projetado por quem nunca viu uma creche", diz uma funcionária, mostrando a despensa, sob a escada, sem qualquer ventilação, paredes emboçadas. Outra creche nova, a de Vila Maria, também está com problemas sérios de umidade na enfermaria e num dos berçários. Além de infiltrações de água. Foi inaugurada há cinco meses.

O problema continua-se repetindo. As quatro creches do Conjunto Habitacional Itaquera II, na zona Leste, concluídas no início de abril, já estão sendo reformadas, antes de inauguradas. Algumas de suas portas precisam ser fechadas, outras abertas, novas paredes tiveram que ser levantadas e janelas que tinham elementos vazados estão recebendo vidros. E os corredores tiveram que ser quebrados para a colocação das tubulações de esgotos.

Na Vila Perus, um muro caiu e não foi reformado. Na Vila Maria não há muro, apenas uma cerca de arame, arrebatada por favelados. Impossível solicitar reformas para breve: com a febre de inaugurações de novas creches, nas últimas semanas, as creches em funcionamento são colocadas em

plano secundário. "Só casos de emergência mesmo são atendidos", desabafa uma diretora de uma creche da zona Sudeste. Até as creches mais velhas, aquelas construídas antes de Reynaldo de Barros, acabam preju-

dicadas. A do Brooklin, da época de Faria Lima, está funcionando precariamente, enquanto se arrastam as obras de sua reforma. Elas estão sendo feitas diretamente por pessoal da Prefeitura e não têm qualquer prazo para terminarem. Às vezes os pedreiros faltam dias seguidos, em outras ocasiões é o material que custa para chegar. Tudo porque a prioridade é para as obras novas. Uma das consequências: a creche do Brooklin está atendendo a menos crianças do que comportaria. E elas não têm onde tomar banho. Outra creche antiga, a da Penha, aguarda há tempos a visita de um encanador e de um pedreiro. "É claro que o prefeito nem está ligando: essas creches não lhe dão votos", diz uma vizinha da creche do Brooklin.

Do jeito que a economia brasileira tem andado, cada vez torna-se mais imprescindível que a mulher trabalhe fora, ajudando o marido no sustento do lar. As creches municipais atendem a crianças oriundas de famílias com renda entre zero e cinco salários mínimos. A faixa etária é de zero a seis anos, mas nem todas a abrangem: há muitas que trabalham só com crianças de zero a três anos.

Menos alimentos

A maioria das mães que possuem filhos nas creches são empregadas domésticas. Um pequeno número trabalha em indústrias. Muitas são sozinhas: solteiras, viúvas ou abandonadas. Elas deixam os filhos nas creches por volta das 6h30 e voltam para apanhá-los apenas depois das 18 horas. Nessas 12 horas, meninos e meninas tomam café ao entrarem, almoçam, fazem lanches no meio da manhã e à tarde e tomam uma sopa antes de saírem. Também tomam banho e repousam, brincando o resto do tempo. Segundo dados da Cobes, cada criança custava, em abril, o equivalente a um salário mínimo por mês para a Prefeitura.

A qualidade dos serviços, entretanto, está-se deteriorando. Muitas mães reclamam da falta de um pessoal mais especializado nas creches, especialmente na área de pedagogia: quando muito, elas têm uma professora. Outra queixa é quanto às férias

coletivas dos funcionários, o que significa que a creche não funciona durante um mês. Em fevereiro, várias mães perderam o emprego por esse motivo.

No momento, porém, o que está preocupando cada vez mais é a questão do suprimento de mantimentos, material de limpeza e material pedagógico. Tão grave que, em meados de abril, as diretoras das creches da zona Leste chegaram a pensar em fechar seus estabelecimentos por falta dessa infraestrutura básica.

O problema é geral. Vejamos, a título de exemplo, o que vem ocorrendo numa creche da AR do Butantã (nessa parte não citaremos nomes, a pedido dos funcionários, que temem ser punidos por mostrar a verdade). É uma creche que tinha cerca de 70 crianças no ano passado e agora trabalha com 90. Em dezembro, essa creche recebia, por semana, 18 pacotes de carne; em abril recebeu 16. Também semanalmente eram entregues, em agosto 1981, 19 quilos de frango; a partir de março têm vindo apenas 15 quilos. Feixes deixaram de ser fornecidos, sob a alegação de que estavam fazendo mal às crianças.

Ovos: de 30 dúzias semanais, caiu para 20. Ou seja, houve uma redução nas proteínas dadas às crianças.

Poucas vitaminas

Também quanto às vitaminas, o cardápio-padrão não tem sido mais seguido por queda na quantidade e na qualidade dos mantimentos. Numa creche da AR de Santo Amaro costumavam ser entregues sete sacos de laranja por semana em outubro do ano passado; em abril só vieram cinco. E não só tem vindo menos laranjas por saco, como a qualidade caiu: "são laranjas verdes, ruins para sucos", diz uma auxiliar de cozinha. A quantidade de banana tem diminuído tanto que "tem dia que só dá para dar metade para cada criança". O mamão foi cortado, a maçã também. Abacates? Em 22 de abril vieram só seis, os primeiros desse ano. A creche tem mais de 100 crianças. De chuchu vinham 21 quilos, agora vêm 16; tomate de 26 abaixou para 22. Abobrinha, mandioquinha e espinafre deixaram de ser fornecidos. "E a cenoura que tem vindo já chega pobre, velha, dura pouco tempo."

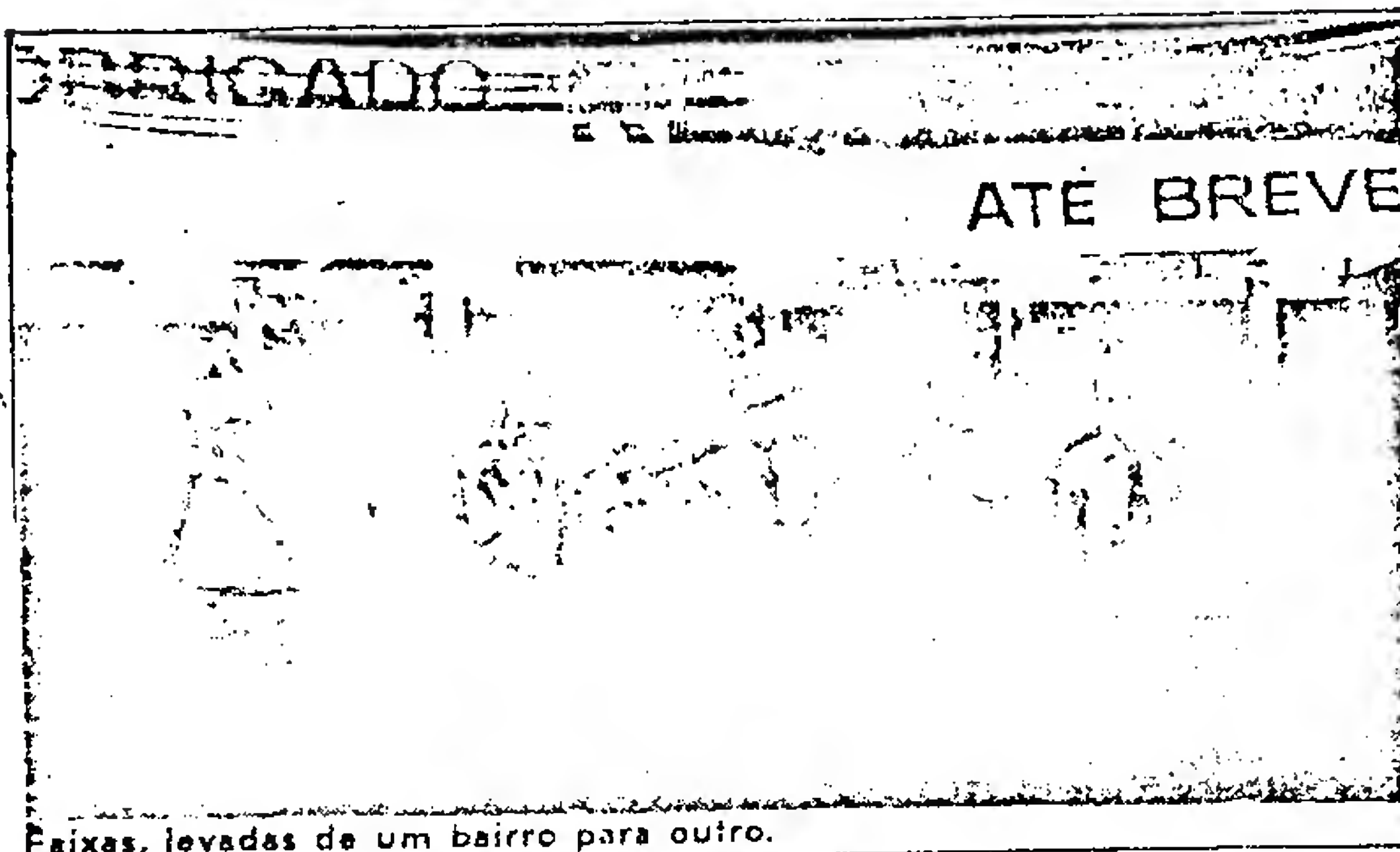
Quanto aos mantimentos de suprimento mensal, uma creche da AR de São Miguel Paulista teve cortado em abril o fornecimento de margarina, leite Nestogeno e lanches "waffer", que em outubro do ano passado vieram em grandes quantidades: respectivamente, 29 potes de 500 gramas; 41 latas; e 12 caixas. Sem margarina não se pode fazer bolos ou purês. A falta de Nestogeno cria problemas para o preparo das mamadeiras das crianças dos barçários. Uma outra creche, também da zona Leste, tem emprestado óleo dos vizinhos para cozinhar: de quatro latas por mês, sua cota caiu para duas.

O mesmo problema vem ocorrendo com o material de limpeza. Uma queixa geral é a falta de desinfetantes, pano de chão, sabão em pó e até sabonetes. Numa creche da AR de Campo Limpo as pagens têm levado sabonete e pasta de dente de suas casas para o uso das crianças das creches. Em outras, pede-se doação dos pais. Ou então, os funcionários fazem "vaquinhas" entre si para suprir tais faltas. Também costuma vir em menor quantidade do que é necessário material pedagógico e de uso da administração das creches: brinquedos, canetas, massas de modelar, cartolinas etc. Entre os medicamentos a maior queixa é a falta de remédios para piolhos, que nunca foram fornecidos a algumas creches.

A diretoria de uma creche da AR de Itaquera diz que o problema com os mantimentos começou quando o suprimento passou a ser feito pela Merenda Escolar, não mais pela Cobes, o que não deixa de ser paradoxal. E também aqui parece que a febre de inaugurações de novas creches resulta em prejuízo para as demais: "O pessoal da Cobes tem respondido às nossas queixas com desculpas de que a verba agora tem que ser dividida por mais creches e, portanto, a quantidade de tudo tende a diminuir", diz a diretora. "Quanto ao material, a gente faz requisições trimestrais, que voltam com vários itens riscados. Em lugar do que foi pedido, eles fornecem outro tipo de material, que possuem em estoque. Uma creche daqui recebeu 100 caixas de giz em lugar de cotonetes. Isso cria um clima de expectativa horrível: a gente nunca sabe o que vai vir, com o que poderemos contar".

Nessa situação, a verba mensal de Cr\$ 2 mil que é fornecida para despesas com transportes, a cada creche, acaba também custeando material. E quando uma criança fica doente e tem que ser levada às pressas a

um pronto-socorro, as funcionárias ou vão de ônibus ou ficam devendo para motoristas de táxi. Esse é um outro problema: as creches não conseguem ambulâncias em casos de emergência. E há um só médico para atender a todas as creches da cidade. Não tem outro jeito: ele dá consultas por telefone.



Faixas, levadas de um bairro para outro.

Festa, e abandono.

O prefeito inaugura. E quem cuida?

Não existe qualquer manifestação espontânea: as festas de inauguração das creches municipais, ao contrário, têm sido muito bem programadas com o objetivo de promover Reynaldo de Barros e os candidatos do PDS. Todas seguem um mesmo esquema, exemplificado aqui pelo que ocorreu na noite de 30 de abril no Jardim Vera Cruz, na Administração Regional de Vila Prudente.

Por volta do meio-dia, funcionários da AR foram até a "pracinha" do bairro e estenderam faixas pelos postes e no palanque ali armado no dia anterior. As faixas diziam: "Obrigado Reynaldo de Barros. Até breve!" e "Malufe Reynaldo fazem... não prometem", coisas desse gênero. Às 19 horas, uma bandinha, o palhaço "Mal-me-quer", Mickey, Pateta, um fogueteiro e um locutor prometendo pipocas para as crianças, tentavam atrair uma multidão para a festa de inauguração da creche, situada ali perto. O palhaço, aparentemente inocente, perguntava a todo momento: "Hoje tem inauguração? Hoje tem marmelada?"... Mesmo com todo o barulho, menos de 200 pessoas atenderam aos chamados.

O "prefeito da periferia", como dizia o locutor, chegou atrasado, depois das 20 horas. E com pressa: não deixou que os políticos discursassem muito. Em seu pronunciamento, Reynaldo de Barros elogiou, seguidamente, a si próprio e as obras que tem entregue "há dois anos, quase todos os dias", mas perdeu a linha de raciocínio quando o sistema de som pisou e demorou para ser reparado. Ao voltar a falar, uma "claqué" puxou um coro gritando seu nome para governador e ele aproveitou para pedir votos: "Vocês devem, por questão de justiça, ajudar aqueles que ajudaram vocês, que trouxeram um tijolinho para melhorar a vida do bairro..."

Em seguida, a cerimônia na creche, toda coberta de cartazes com o nome e fotos do prefeito. Reynaldo ergueu nos braços uma criança para que ela descerrasse a placa de inauguração, que fica bem no refeitório da creche. Depois deu uma rápida percorrida pelas suas dependências, ao som do "parabéns a você". No lado de fora, funcionários da Prefeitura já retiravam as faixas dos postes e do palanque, para outra festa, em outro lugar, outro dia.

[illegible]

Ora afirmamos, novamente,
menor de 60 dias de 9 a 200
16 de 92 E. n. n. n.
part. enc. n. n. n. n.
explicar a natureza das coisas

Secretaria de Serviços e Obras, e terão início em junho. O empréstimo, porém, será pago pelos próximos dois ou três prefeitos de São Paulo, pois tem o prazo de 12 anos, com juros de 6% ao ano e correção de 60% das ORTNs. "Nosso programa não pára aí. Até março de 83 chegaremos à nossa meta. Saio para concorrer às eleições, mas tenho absoluta certeza de que Curiati prosseguirá com as obras," disse Reynaldo de Barros.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *OESP*
Data: *13/05/82*
Pág.: *27*

Parte n.º

N.º do recorte

Movimento por creches deixa o prefeito irritado

Depois de não cumprir a promessa de construir duas mil creches em São Paulo, segundo denunciou o Movimento por Creches, o prefeito Reynaldo de Barros acusou ontem esta organização de ser formada por "mães solteiras que só entendem de papo furado, língua cumprida e críticas infundadas". O prefeito também negou que tenha prometido construir as duas mil creches, considerando "engraçadas" as denúncias do Movimento: "Prometi trezentas e vou cumprir. Destas, 230 já estão construídas e equacionadas, 17 em fase de licitação e outras 57 serão colocadas em licitação dentro de pouco tempo, pois já assinamos contratos de financiamen-

to com a Caixa Econômica Federal para isso".

Embora não tenha explicado em que condições se encontram as creches já construídas, garantiu que as denúncias de que elas estão em péssimo estado, com falta até de sabonete, foram feitas pelas "mães solteiras, pertencentes a uma agremiação política, a algum partido de oposição, e que não estão interessadas nas creches, só procurando fazer demagogia e desmanchar a nossa imagem. Elas sempre fizeram agitação, sempre criticaram o governo e nada fizeram pelo povo". No entanto, ele não quis dizer a que partido estava se referindo.

Campinas apura maus tratos contra crianças

Da sucursal e
do correspondente

A polícia de Campinas começou a apurar ontem denúncias de maus-tratos e violências sexuais contra os internos de uma creche clandestina freqüentada por 25 crianças de dois a oito anos de idade, praticadas pelo proprietário e diretor do estabelecimento, João Carlos Assunção. Segunda-feira à tarde, o juiz de Menores do Município, Rubens Andrade de Noronha, determinou o fechamento da casa, após receber denúncias formais de mães das crianças. No entanto, a interdição definitiva do local somente poderá ser decretada após a conclusão de processo que depende de inquérito policial, segundo informou Noronha.

De acordo com as mães que formularam queixas ao juiz o "tio João", como é chamado João Assunção pelas crianças, submete os menores a castigos em represália a desobediências, trancando-os em seus quartos e proibindo-os de sair por longos períodos. Em outros casos, as refeições são atiradas ao chão e as crianças obrigadas a comer, "como se fossem cachorros",

conforme relatou J.A.S., uma das mães. Pelo atendimento prestado, a creche "Nossa Senhora do Perpétuo Socorro", localizada à rua dos Tamoios, 215, na Vila Miguel Vicente Cury, cobrava Cr\$ 5 mil mensais, exigindo também a aquisição de material escolar, remédios e frutas, distribuídos a amigos de João Carlos Assunção, na vizinhança.

Em Jacaré, a menina Ellana Divino da Silva, de dois anos, está internada em estado grave na Santa Casa de Misericórdia, em virtude dos ferimentos que recebeu ao ser espancada pela mãe, Zélia da Silva, em Santa Branca. O delegado da cidade, Nuncio Giacomo da Silva, abriu inquérito e ouviu os vizinhos da família, que confirmaram os maus-tratos praticados contra a menor.

A mãe, entretanto, que está grávida de oito meses e tem outro filho de dez meses, nega que tenha espancado sua filha, afirmando que ela "caiu de um calxote". Esta versão, porém, segundo o delegado, é bastante duvidosa, pois a menina apresentava marcas generalizadas pelo corpo e lesões graves no fígado e na cabeça. O pai de Ellana, José Divino da Silva, é lavrador e passa a maior parte do dia fora de casa.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *Folha de São Paulo*Data *13/11/82*Pág. *22*

Pasta n.º

N.º do recorte.....

Nova entidade reúne mulheres em Rio Claro

RIO CLARO — Como resultado do processo de união e organização das mulheres desta cidade do interior de São Paulo, surgiu, recentemente, a "União das Mulheres de Rio Claro", que tem por objetivos, segundo suas fundadoras, "defender os direitos das crianças, mulheres, velhos e jovens, assim como lutar pela proteção da saúde pública, contra o alto custo de vida e pela obtenção de mais creches para a cidade".

Cerca de 1.500 mulheres aderiram à nova entidade, que é encabeçada por Ivani Bianchin, Ofélia Marcondes Machado e Maisa Teles. Ivani está filiada ao PMDB e pretende disputar, nas eleições de novembro, o cargo de prefeito de Rio Claro. Contudo, para indignação das mulheres, Ivani tem encontrado resistência no próprio diretório do PMDB, que já realizou uma pré-convenção indicando três candidatos, todos homens.

ÔNIBUS

Outro fato que tem causado reclamações entre as mulheres de Rio Claro são os serviços de ônibus, "que não apresentam um trajeto adequado, nem oferecem boas condições de higiene". A reclamação também estende-se aos serviços intermunicipais, cujos ônibus "são antigos, desconfortáveis e não fazem sequer uma parada durante o percurso".

*Fr
12/11/82
P. 22*

Juiz fecha creche e apura denúncias de abusos, em Campinas

CAMPINAS — O juiz de Menores da Comarca de Campinas, Rubens de Andrade Noronha, interditou esta semana a Creche Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada na periferia da cidade. O proprietário, João Carlos Assunção, foi acusado de sevícias e violência sexual contra várias crianças entre 2 e 8 anos, que eram mantidas sob sua guarda. A denúncia chegou ao Juizado através de uma mãe solteira, de 25 anos, que morou na creche durante o período de gravidez, em troca de trabalho com as crianças.

Depois das denúncias, João Carlos não mais foi encontrado pelos pais dos menores, que agora revoltados se dizem dispostos "a fazer justiça com as próprias mãos". Há mais de cinco anos, João Carlos (39 anos, solteiro) mantinha a creche Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com ajuda financeira até mesmo do Comissariado de Menores e devidamente registrada na Secretaria Municipal de Promoção Social.

O processo de interdição, ainda em tramitação no Juizado de Menores, deverá ser encaminhado à Delegacia Seccional de Polícia, onde será aberto inquérito para apurar a veracidade das denúncias e o paradeiro de João Carlos Assunção.

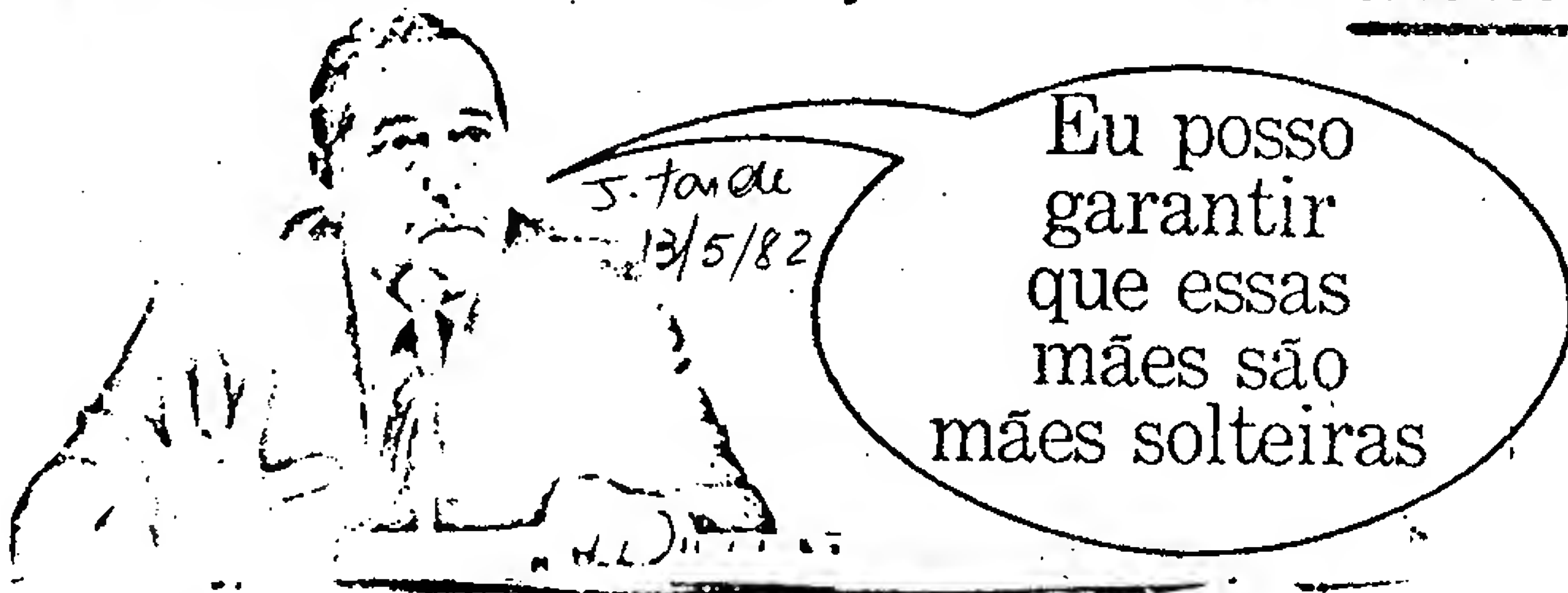
A DESCOBERTA

Segundo a mãe solteira, um dia, depois de voltar mais cedo do que

havia avisado, foi informada pelas crianças que o "tio João" as tinha surrado. Desconfiada, ela foi nas pontas dos pés até o cômodo dos fundos da modesta casa e, através de uma fresta da janela, presenciou cenas de aliciamento, envolvendo uma criança de pouca idade. Depois de algum tempo, na semana passada, a ex-empregada da creche procurou a mãe do garoto e narrou os fatos. No dia seguinte, as duas procuraram o juiz Rubens Andrade de Noronha. Horas antes, a mãe do garoto o retirara da creche, alegando uma visita à avó, "para evitar alardes".

No início desta semana, enquanto o juiz ouvia separadamente as crianças, João Carlos conseguiu fugir durante uma grande confusão defronte à creche. Segundo o juiz, as crianças confirmaram as denúncias de maus tratos e violência sexual. Na creche, elas recebiam alimentação e moradia. Os menores em idade escolar eram encaminhados aos colégios do Estado.

Porém, segundo a mãe de um dos garotos, "estranhamente" João Carlos doava alimentos à vizinhança, sob a alegação de que havia "muitas sobras", pois as crianças não consumiam toda a comida fornecida pelas entidades oficiais responsáveis pela manutenção da creche.

O prefeito contesta as mães que reclamam das creches:

O prefeito Reynaldo de Barros não se conformou com as críticas e denúncias feitas por várias mães, integrantes do Movimento de Luta por Creches, que o acusam de haver prometido construir muito mais do que as 300 creches que ele anuncia como "meta atingida". De acordo com essas mães, que representam várias regiões da periferia de São Paulo, Reynaldo declarou publicamente, em 1979, que construiria 830 creches.

Ontem, o prefeito rebateu essas críticas, e afirmou:

— Eu posso garantir a vocês que essas mães são mães solteiras, pertencentes a uma agremiação, possivelmente algum partido, que não estão nem um pouco interessadas nas creches, como já vi muitas, e que só procuram fazer demagogia e desmanchar a imagem nossa. Mas a verdade é a seguinte: esse é um povo do "papo-furado", de língua comprida e que faz crítica infundada.

— Jamais prometi duas mil creches — prosseguiu Reynaldo — sempre prometi 300 creches, e vou cumprir. E eles, que nada fizeram além de agitação e críticas ao governo? Portanto, o meu mais sincero respeito a essas moças que trabalham num partido de oposição e, podem estar certos, são todas solteiras.

O prefeito explicou que programou a construção de 300 creches e que "destas 300 creches, 230 já foram licitadas ou construídas; mais 17 estão em fase de construção e outras 57 serão colocadas em licitação dentro de poucos dias, pois já foi firmado convênio de financiamento com a Caixa Econômica Federal para essa finalidade, sendo que os recursos virão do Fundo de Assistência Social".

— Não resta a menor dúvida de que, até março de 1983, quando deveria terminar minha administração, estará totalmente cumprido o programa — explicou, acrescentando que, quando assumiu o cargo, em julho de 1979, a Prefeitura contava com apenas quatro creches.

"Esse papo-furado vai acabar dia 15 de novembro, com a nossa vitória nas urnas", completou Reynaldo de Barros.

Enquanto isso, na Assembléia Legislativa, os deputados opositoristas comentavam a reportagem sobre as precárias condições de atendimento às crianças nas creches municipais, publicada ontem pelo Jornal da Tarde, e concluíam que o prefeito só saiu perdendo nessa tentativa de angariar votos com uma administração "voltada para a periferia".

— O estilo populista da administração Reynaldo de Barros redundou num desastre para os segmentos mais desfavorecidos da população — disse o líder do PMDB na Assembléia, Luís Máximo. — A reportagem está assentada em fatos concretos e objetivos, e demonstra o aqodamento do PDS na busca de votos, pouco importando que para isso explore a miséria e a simplicidade dos moradores da periferia.

Para Luís Máximo, as construções caríssimas e mal feitas, as contratações meramente políticas e o aproveitamento de locais inadequados, assim como os gastos com espetáculos de inaugurações que só afrontam a pobreza, "nada mais são do que a marca registrada do malufismo, para o qual todos os meios são válidos".

A opinião do deputado Antonio Resk, também do PMDB, não é muito diferente. Ele acha que a matéria sobre a situação das creches mostra claramente "o quadro de uma administração pública que descambou totalmente para os aspectos demagógicos no atendimento das reivindicações populares. O prefeito Reynaldo de Barros se apossou das justas reivindicações da periferia de São Paulo, que solicitava insistentemente a instalação de creches, principalmente nos bairros mais carentes, sem porém subordinar a instalação dessas creches a um verdadeiro programa de atendimento às crianças".

Um programa desse nível, segundo Resk, envolve assistência médica, alimentar, educacional e recreativa, além da con-

tratação de pessoal especializado. "Sem se importar com nada disso, o prefeito saiu por aí instalando creches com a única preocupação de faturamento político fácil. A consequência desta resposta demagógica a uma reivindicação justa está aí, demonstrada na reportagem: creches que, com pouco mais de um ano de funcionamento, já mostram um quadro triste do verdadeiro descuido e despreparo no atendimento às crianças."

Juiz fecha
uma creche
em Campinas
F. Tande 13/5/82

O juiz de Menores da Comarca de Campinas, Rubens de Andrade Noronha, fechou a creche "Nossa Senhora do Perpétuo Socorro", localizada na periferia daquele Município, cujo proprietário, João Carlos Assunção, foi acusado de haver seviciado várias crianças de 2 a 8 anos, mantidas sob a sua guarda. A denúncia chegou ao Juizado através de uma mãe solteira, de 25 anos, que ficou na creche durante o período de gravidez.

Depois que a denúncia chegou ao domínio público, pais de crianças começaram a procurar o acusado que pelo menos até ontem estava desaparecido da cidade.

Há mais de cinco anos que João Carlos, de 39 anos, solteiro, mantinha o estabelecimento contando com a ajuda financeira até do Comissariado de Menores. A creche estava devidamente registrada na Secretaria Municipal de Promoção Social.

O processo de interdição do estabelecimento, que se encontra em fase de trâmite no Juizado, deverá ser encaminhado à Delegacia Seccional. Então será instaurado o competente inquérito, tendo em vista a necessidade do esclarecimento dos fatos denunciados e da localização de João Carlos Assunção.

Crianças ouvidas pelo juiz confirmaram os maus-tratos cometidos pelo responsável pela creche bem como a prática de sevícias sexuais.

Jornal: O SÃO PAULO
7-13 / 05 / 1982
Data: 5
Pág.Parte n.º 1232
N.º do recorte

Ser mãe: uma mão-de-obra de amor

Como todas outras grandes festas, infelizmente o Dia das Mães está sendo comercializado, quando deveria produzir maior reflexão e mais autêntico amor, em vez de só motivar presentes, muito ao gosto do consumismo envolvente. O presidente da CNBB, D. Ivo Lorscheiter fez uma reflexão na alocução semanal "A Palavra do Pastor", transmitida pela Rádio Medianeira de Santa Maria, RS.

Lembro u o Papa, pedindo que seja "superado o hábito de confiar à mulher só a tarefa de esposa e mãe, sem incluí-la, adequadamente, nas funções públicas, geralmente reservadas ao homem". Mas o Papa, também pede, segundo D. Ivo, alguns cuidados como o de a mulher não renunciar à sua feminilidade, "nem imitar o caráter masculino".

Seja qual for o lugar, campo ou cidade, o papel da mãe, hoje, tende obrigatoriamente a se equilibrar com o de trabalhadora. A razão, na maioria das vezes, é econômica, e o significado da maternidade passa a ter mais um dado: também a mãe parte para o trabalho fora como meio de sustento dos filhos. E mesmo que, para muitas mulheres, o trabalho signifique uma realização pessoal, o salário de quase todas vem sendo dispensável no orçamento doméstico.

Há o trabalho fora e o trabalho dentro de casa: há o companheiro, que durante a semana é visto quase sempre rapidamente; há os filhos, com quem a mãe acaba convivendo muito pouco. Uma rotina diária que rodeia 16 horas e um fim-de-semana para "tirar o atraso no serviço da casa". Mas, que se consegue fazer de gostoso é por boa vontade, por amor", dizem elas.

LUCIA MAJRIA DIAS

O SP 70 13/5/82 pg 5



Trabalhar, sofrer, lutar

mo mulher, explorada como mãe, um núcleo conjunto, de todos os filhos. É mais aspecto apresentando depoimento de uma mãe, Maria da Conceição Campanha.

“Minha experiência profissional começou aos 14 anos, como auxiliar de escritório. Por seu trabalho em contato com o público, a firma passou a exigir dela que “se arrumasse melhor, que usasse roupas mais bonitas”. “Mas como”, mostra Maria da

Conceição, “se o salário que eles me pagavam era miserável?” E mais: “Respondi na hora que não tinha condições com o que ganhava e que eles estavam querendo me explorar fisicamente, além de explorar o meu trabalho. Fui demitida em seguida, por não estar dentro dos critérios da empresa.”

A partir daí, começou a trabalhar com crianças, que é do que gosta. E hoje é pajem em uma creche na Zona Sul. Com 22 anos, é casada e tem um filho de nove meses. Mantém o filho na creche enquanto trabalha e, graças a isso, consegue acompanhar seu crescimento e cuidá-lo de perto. Nem sempre é possível, às funcionárias de creches manterem os filhos próximos, pois, segundo ordens superiores, caso a criança esteja causando algum tipo de problema, deve ser retirada.

Antes disso, quando engravidou, Maria da Conceição foi demitida apesar de seu estado. Como o salário de seu marido era muito baixo, inscreveu-se num concurso da prefeitura e acha bom fazer um trabalho agradável como cuidar de crianças.

Deste seu trabalho na creche, ela retira muito do que falou sobre mães. “Lá nós presenciávamos casos incríveis. Casos de mães que escondem seus filhos da triagem sanitária do início do dia e os deixam, mesmo doentes, por que não têm quem cuide deles enquanto trabalham. (E as creches prevêm crianças saudáveis, de maneira que, a qualquer problema mais sério, a criança é tratada em nível de emergência e entregue ao responsável para que continue o tratamento). Temos também crianças de dez meses que aparentam cinco, por desnutrição. E o problema mais frequente são as deficiências de educação — então vemos crianças que usam chupeta mesmo depois dos dois anos; crianças solitárias, desajustadas”.

As causas desses problemas, ela enumera: as mães precisam trabalhar fora, porque seus companheiros ganham mal, deixam os filhos nas creches quando conseguem uma vaga; quando estão em casa, geralmente têm de providenciar a sua assistência material, e os deixam no berço, sozinhos, ou os fazem assistir televisão para que se entretendam e não as interrompam; além desse estímulo, há também dar uma chupeta ou qualquer outra coisa que “substitua” a atenção reclamada com choro ou agressividade.

Se a mãe classe-média abandona o filho para satisfazer necessidades próprias, com o dinheiro de que dispõe, a mãe pobre incorre num outro tipo de abandono: satisfazer necessidades essenciais de sua família. Então, os problemas afetivos (e sociais) existem, partindo do relacionamento pais e filhos e mesmo do relacionamento entre os pais. “O entrosamento escola-família deveria existir”, salienta a entrevistada, “mas efetivamente não existe nada neste sentido ainda”.

Em sua experiência pessoal, Maria da Conceição tem os problemas apresentados por outras mães que trabalham. “Não é fácil conciliar os papéis de mãe, companheira, trabalhadora, é uma grande mão-de-obra, mas com esforço consigo alguma coisa. E tenho minha mãe, que me ajuda muito, quando não posso ficar com meu filho. No mais, me reúno, procuro discutir com outras pessoas os problemas, para encontrarmos soluções.”

Em sua opinião, o trabalho é extremamente necessário e é a única forma de a mulher conhecer seus direitos. Em casa, ela lê, escuta no rádio, vê na televisão, mas não participa. “Trabalhando eu sei o que acontece com as outras mulheres, procuro formas de resolver e de realizar mudanças.”

Creche na empresa, creches nos bairros, direitos negados, muitas mães se conformam na ignorância do que lhes é devido; apenas trabalham, sofrem pelo pouco tempo que conseguem para ficar com seus filhos; outras lutam, reclamam, discutem pela criação de uma vida, nova, que possa afinal ser reparada entre todas.

Dar atenção, carinho...

Por Cr\$ 18 mil, Lindinalva Maria da Silva trabalha 12 horas como faxineira para uma firma limpadora. Acorda às seis da manhã, prepara o café do companheiro, arruma os filhos para a escola, apronta as marmitas e sai, para voltar às 11 da noite.

Enquanto percorre quase toda a Av. Brigadeiro Faria Lima para tomar o ônibus que a leva ao Educandário, onde mora, ela conta que trabalha desde a dolescente. É pernambucana, casou muito cedo e desde essa época que se divide entre o serviço doméstico, a roça, e cuidar dos filhos que foram nascendo. "Mas o casamento acabou e vim para São Paulo com meus filhos para sustentar. Trabalhei como doméstica, como cozinheira de hotel e agora como faxineira e prefiro trabalhar em firmas, porque a gente tem INPS e essas coisinhas que precisa — em casa de família quase sempre não era registrada e se ficava doente era o maior problema".

Com 40 anos, Lindinalva tem uma filha de 19 anos, casada, que olha os três irmãos menores em sua ausência. Um garoto de dois anos e meio, outro de sete e uma menina de 11 anos, com quem ficam as tarefas de fazer comida e acompanhar os irmãos.

"Morro de preocupação de deixar os coitados presos em casa, sem mim, com a minha filha de 11 anos que muitas vezes deixa de ir à escola para ficar com os menores. Creche não tem, e quando ela vai para a aula tem de deixar o caçula com a irmã casada", desabafa. "Eu me sinto culpado de deixar meus filhos assim, de sair com eles dormindo, de voltar com eles já na cama".

Mas, como justifica Lindinalva, não há opção. Tem duas filhas do casamento desfeito e outro da união iniciada há quatro anos, e seu companheiro divide com ela parte das despesas. Precisa do trabalho fora e folga apenas nos domingos, quando aproveita para limpar a casa, cuidar da roupa da família.

Geralmente vê os filhos muito pouco durante a semana e, quando está em casa, nos fins de semana, enquanto trabalha, os filhos brincam, vêem televisão. Ela se entristece em falar nisso e se auto-repreende: "Ser mãe é dar atenção, carinhos pros filhos. Eu queria poder cuidar deles direitinho, dar comida na hora certa, não deixá-los sozinhos, saber de tudo que acontece com eles. A gente acaba se vendo tão pouco que não dá tempo de conversar; eu sinto que deixo eles abandonados, sem carinho, sem cuidado, sem atenção".



Filhos, sempre um "transtorno"

Os problemas de uma mãe, porém, não englobam apenas os aspectos afetivo e econômico, principalmente quando ela é solteira e tem de enfrentar também questões sociais. Além de que, para muitas empresas, mulher com filho não trabalha e é motivo de aborrecimentos.

Desempregado há alguns meses, 25 anos, metalúrgico, uma moradora do Guarapiranga vai aprofundando os problemas da mãe trabalhadora. Mas pede que seu nome não seja citado, pois "já há muitos problemas sem meu nome em jornais".

Começou a trabalhar com 16 anos, porque pretendia independência econômica, e engravidou aos 18. Recebeu o apoio da família, com quem mora com o filho de sete anos, e isto, segundo diz, ajudou bastante para que pudesse enfrentar o "olhar diferente" que as pessoas lhe dirigiam.

Teve o filho, voltou a trabalhar, mas se sentia marginalizada, "porque, para muita gente, mãe solteira é prostituta". Mas lutou para superar os obstáculos trazidos por sua maternidade. Afinal, explica ela, "meu filho compensa tudo".

"Às vezes ele reclama a falta de um pai, porque na escola as outras crianças falam dos seus. Outra coisa difícil é que nós nos vemos muito pouco, pois quando saio, ele ainda dorme e quando volto, ele já está dormindo. Apesar de tudo, nosso relacionamento é muito bom, nós nos damos muito bem".

"Se existissem as creches nas empresas, ficaria mais fácil, poderia deixar meu filho na creche da empresa e ter mais contato com ele. Mas as empresas desobedecem a legislação que obriga a instalação de creche onde houver mais de 30 mulheres trabalhando. E não é que elas fossem ter uma despesa grande, isso dá até uma maior produtividade porque facilita as coisas para a mãe que precisa amamentar. E outra: uma fábrica que tem menos de 100 mulheres

trabalhando, é obrigada de fundo de quintal a instalar creche. Existe estrutura por parte das fábricas para manter creche, mas elas burlam a legislação e a maioria das mulheres não tomou consciência em relação a isso", explica ela.

Grande parte das firmas não aceita sequer o atestado da mãe que levou seu filho ao médico: geralmente atestados dessa natureza são arquivados na pasta da funcionária, constando como ponto negativo em seu comportamento moral relacionado à empresa. E isto, quando aceitam mulheres com filhos trabalhando. A entrevistada, por exemplo, vem procurando emprego há algum tempo e agora, por último, teve uma proposta de colocação negada. A agência de empregos pela qual se candidatou não admite mães trabalhando.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal:

Data:

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Mães saqueiam posto e levam o leite em pó

Um grupo de 15 mulheres saqueou na manhã de ontem o Posto de Saúde da vila Arriete, em Santo Amaro, levando dez caixas de leite em pó, equivalentes a 240 latas, além de alguns medicamentos. "Foi uma atitude motivada pelo desespero de ver seus filhos com fome e não ter o que dar a eles", afirmou a administradora do posto, Teresinha Maiorano.

No bairro, as mães que frequentam o posto apóiam a invasão, afirmando que as cotas distribuídas mensalmente são desviadas pelos funcionários. "Mãe bem-arrumadinha, de carro, sempre leva leite. Para a gente, que é pobre, o produto sempre está em falta", disse Aparecida Gomes, com dois filhos para criar.

PÁG. 14

FEB 14/05/82
P. 1

(Doc. INCOMPLETO)

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal:

O Est. São Paulo

Data:

14/05/82

Página:

15

Página n.º

N.º do recorte

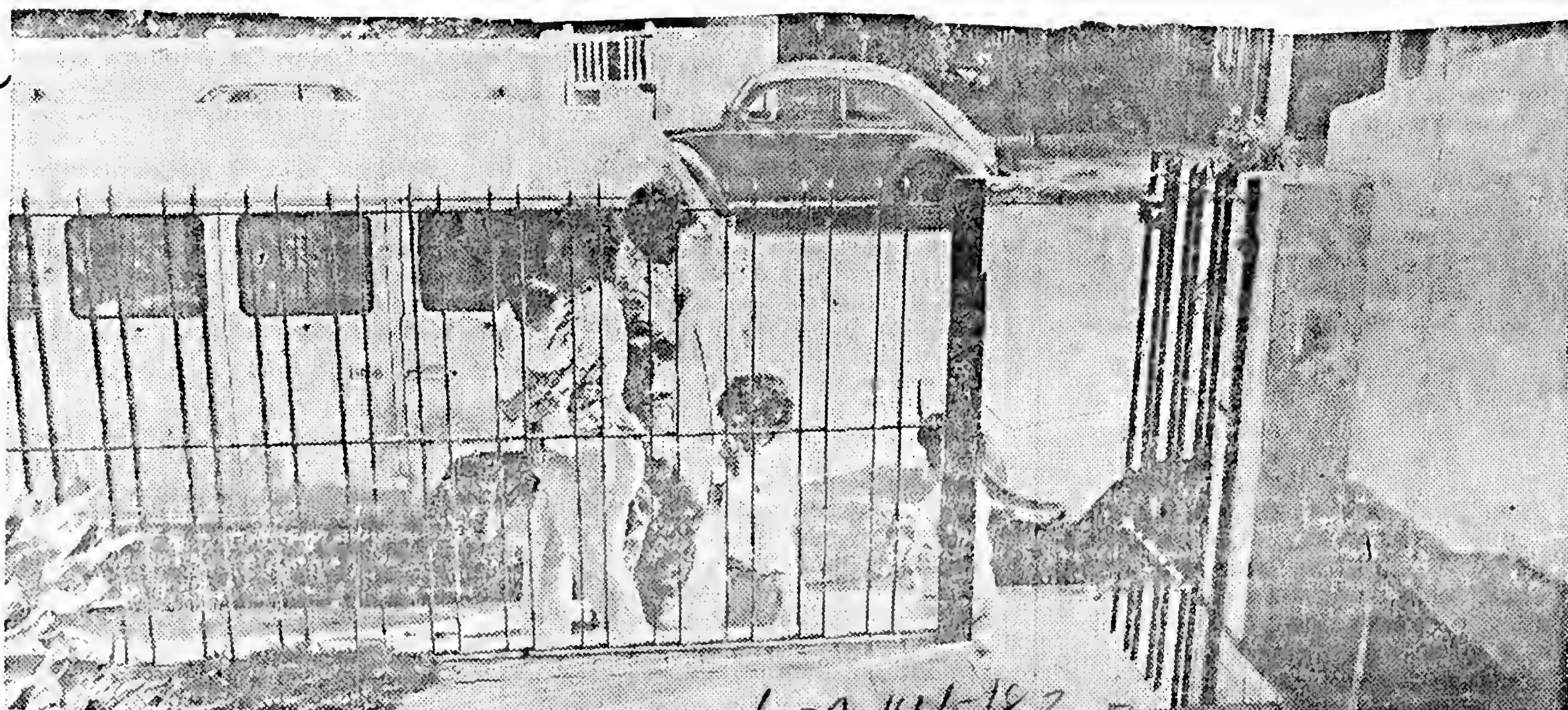


Foto Oswaldo Luiz Palermo

As pessoas que estavam na fila levaram todo o estoque de leite em pó e medicamentos

Remédio acaba e as mulheres invadem posto

Quando a funcionária Francisca Kraus, do posto de saúde da Vila Arrlete, na região de Santo Amaro, anunciou ontem, por volta de 8 horas, que estava encerrada a distribuição gratuita de remédios e alimentos para famílias pobres, as mulheres que restaram na fila se revoltaram e 15 delas invadiram o posto, levando todo o estoque de leite em pó e medicamentos que se encontravam encaixotados numa sala. Pouco depois, o delegado José Sebastião dos Santos, do 43º DP, compareceu ao local e registrou a ocorrência, mas não conseguiu identificar nenhuma das invasoras, que se supõe sejam moradoras da favela do Jardim Ubirajara, nas proximidades.

Uma das três enfermeiras do posto ia começar a explicar o ocorrido aos jornalistas, mas o médico-chefe saiu de sua sala e ela passou a fingir que se sentia mal. O médico recusou-se a fazer qualquer declaração e alegou que tinha de levar a enfermeira a uma farmácia. As demais funcionárias também negaram-se a falar, não dizendo nem o nome do médico, que não voltou mais durante toda a manhã.

Enquanto isso, mães com crianças no colo para vacinar ou marcar consulta continuavam chegando ao posto. As que queriam uma consulta recebiam um cartão para voltar à tarde. Todas afirmavam que o atendimento nesse posto é bastante precário e atribuíam o episódio da manhã à falta de um "dia certo para a distribuição do leite, o que sempre dá confusão". Perto do meio-dia, Isabel Pereira de Oliveira chegou aflita à procura de médico, porque sua neta passava mal. "Ela está verde, em estado grave, e o médico saiu. De novo vou ter que ir até o pronto-socorro da zona Sul, em Santo Amaro."

Contou que, em outra vez que sua neta ficou doente, eram 8 horas e não quiseram atendê-la no posto da Vila Arrlete, "porque as consultas são marcadas entre 5h30 e 6 horas". O médico afirmou que a menina parecia estar com doença contagiosa e mandou Isabel levá-la ao Hospital Emílio Ribas. Mas Isabel acabou levando a neta a um médico particular e este diagnosticou uma simples gripe.

Mães invadem Posto de Saúde e carregam leite

Um grupo de 15 mulheres invadiu ontem o Posto de Saúde da Vila Arriete, em Santo Amaro, de onde levaram dez caixas de leite em pó, equivalente a 240 latas. Elas carregaram também alguns medicamentos, como aspirinas, xaropes e antibióticos.

No bairro, a população apóia a invasão e faz críticas ao atendimento do Posto de Saúde. "Os funcionários são mal-educados. O leite nunca tem. Até vacina falta aqui", dizem elas. Argumentam também que a quota de quatro latas por mês, para crianças de até 18 meses, "não dá nem para quinze dias".

Evitando delatar as invasoras, outras mães da Vila Arriete apóiam a atitude tomada. "Tem gente que fala que as funcionárias do Posto vendem leite, em vez de dar para a gente. Além disso, quando chegam as mães bem arrumadinhas, de carro, com filhos bonitinhos, nunca falta leite. Para a gente, que é pobre e não tem comida para dar para as crianças, nunca tem o leite", diz Aparecida Gomes, mãe de dois filhos.

Essa também é a opinião de Rosa Maria dos Santos, uma viúva com 8 filhos pequenos. "A gente tem de chegar na fila às quatro horas da madrugada. Ficamos esperando a distribuição das fichas, que sempre acabam antes de chegar a nossa vez. Enquanto isso, tem gente que nem na fila precisa ficar e sai de sacola cheia de leite", afirma.

Ontem, por volta das 7 horas da manhã, segundo testemunhas, o grupo de invasoras decidiu não sair do Posto sem o leite em pó. Entraram pela porta dos fundos, que já estava aberta e foram à sala onde é feita a distribuição do produto. "Não houve brigas", garante a encarregada administrativa, Terezinha Maiorano, embora não estivesse presente na hora da invasão.

POLÍCIA

Uma hora depois da invasão, os funcionários do Posto chamaram a Polícia. No 43.º Distrito Policial, o Boletim de Ocorrência n.º 2.896/82 apenas registra o fato. Os policiais explicam que "não localizamos nenhuma das invasoras".

A administradora do Posto diz que entende o motivo que levou essas mulheres a furtar o leite em pó. "É uma gente muito pobre. Eles não têm o que comer. Além de muito caro, está faltando leite em pó no mercado. O motivo da atitude foi o desespero", acredita ela.

Segundo a administradora, a falta de leite no posto é frequente. "Recebemos uma quota no dia 7 de abril.



Fotos Claudomiro Teodoro

O Posto de Saúde da via Arriete foi invadido às 7h30 por 15 mulheres.

O leite acabou e só chegou outra quota na última terça-feira. Essas mulheres estavam desesperadas", diz a administradora. O fato foi comunicado ao Distrito Sanitário de Santo Amaro, que deverá abrir sindicância para apurar responsabilidades.

Vera Galesi, diretora do Distrito Sanitário de Santo Amaro, garante que os funcionários não vendem o leite. "O que ocorre é que a Secretaria da Saúde não tem comprado a quantidade necessária para o consumo. Tem faltado leite porque não há verba. O povo não entende e pensa que nós estamos sonegando o produto. Eu imagino que a fome seja a responsável pelo que aconteceu, mas a Saúde não pode suprir sozinha a deficiência alimentar da população", afirma.

INSUFICIENTE

Embora concorde que a quota de quatro latas por mês para uma criança seja "insuficiente", Terezinha Maiorano acredita que a crise econômica também é responsável pelo desespero das mães.

Essa é também a opinião das donas-de-casa do bairro. "O dinheiro não dá para comprar nem pão à vontade, quem dirá leite para as crianças. Eles não dão o leite que a gente vai buscar. Eu trabalho como empregada doméstica para cuidar das 8 crianças, mas não tem jeito de dar comida para todo mundo", explica Rosa Maria dos Santos, viúva desde novembro último.

Uma lata de leite em pó no supermercado está custando Cr\$ 360,00. "Eles deviam dar um pouco mais. Além disso, os maiores vêm os



Terezinha Maiorano, a coordenadora.

pequenos tomando leite e também querem. Acabam tomando um pouquinho, para não ficar com vontade. Todos são filhos da gente e dá dó deixar os bichinhos olhando sem tomar. Enquanto tem, a gente dá", argumenta Sandra Moreno, mãe de um menino de 10 meses e mais outros quatro filhos.

No bairro, ninguém conta o nome das invasoras, mas há quem reclame da atitude que elas tomaram. "Se umas pegam mais, as outras ficam sem nada. Todo mundo tem criança e precisa dar comida para os filhos. Se faltar leite para os meus, eu vou brigar também", promete uma das mães que frequenta o Posto de Vila Arriete, mas que não se identifica, porque "senão, quando sumir alguma coisa, vão pensar que fui eu" previne-se.

Ao contrário dela, a maioria apóia a invasão. "Elas é que estão certas. As moças do posto ficam escondendo o leite e não dão para a gente. Está certo ir lá pegar. A gente pagamos e isso é nosso. Não é roubo porque o leite é nosso e elas não têm o direito de esconder dos filhos da gente, só porque os delas podem comer todo dia", dizem.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DE PAZ*Data: *15/05/82*Pág.: *7*

Pasta n.º

N.º do recorte

LBA assina convênios para criação de creches em BH

BELO HORIZONTE (BH) — A presidente da Legião Brasileira de Assistência, Lea Leal, assinou ontem, em Belo Horizonte, dez convênios de adoção financeira de creches com quatro bancos mineiros, e que irão beneficiar cerca de 300 crianças da capital mineira, Ibirité, Betim e Contagem, municípios da Região Metropolitana.

F. Tande 15/5/82
A solenidade de assinatura dos convênios entre a LBA e o Banco do Estado de Minas Gerais, Caixa Econômica de Minas, Banco Real de Minas Gerais e Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais foi presidida pela primeira dama do Estado, Latife Pereira dos Santos, nas presenças da presidente da LBA, Lea Leal, do secretário de Estado da Fazenda, Márcio Arcia Vilela, que representou o governador Francisco Pereira dos Santos, e de outras autoridades.

Durante assinatura dos convênios, a presidente da LBA afirmou que todas as comunidades brasileiras, das mais pobres às mais privilegiadas, empresários e sindicatos, instituições governamentais e particulares estão despertando, tomando consciência das dificuldades sociais, e oferecendo contribuições para uma solução definitiva do problema das creches.

“É essa consciência, essa solidariedade institucional, essa saudável preocupação com o destino social brasileiro que hoje estamos constatando aqui, na capital mineira”.

Feminismo

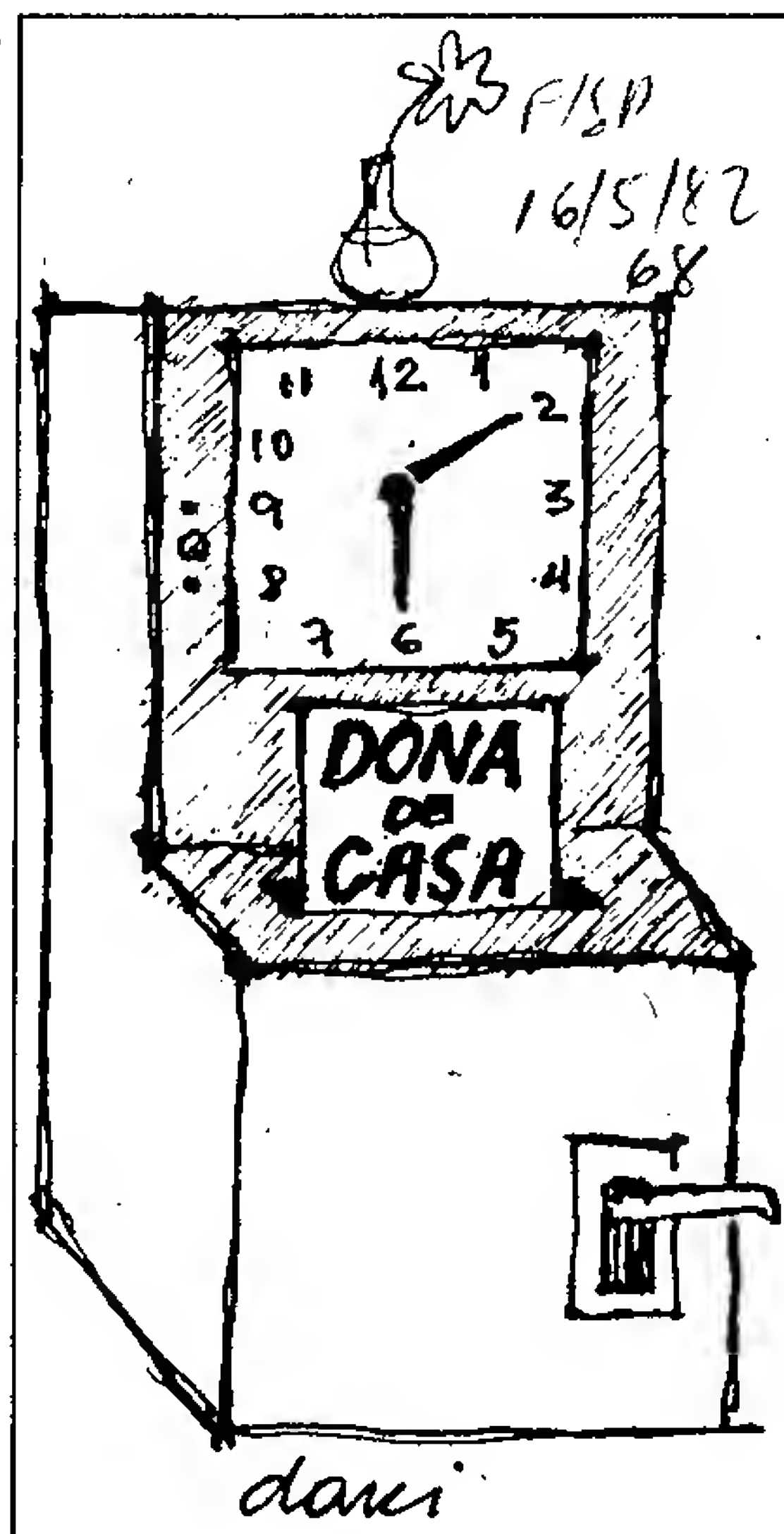
Pela mudança do código civil

IREDE CARDOSO

Pois é: o ministro (ex) Jair Soares ao deixar sua Pasta, lembrou-se, em boa hora, dos estudantes, deixando projeto que a eles concede certos benefícios em caso da morte dos pais ou responsáveis por seus estudos.

E para as donas-de-casa, nada? Nada. Lembra nossa companheira de trabalho, editora da "Folhinha" e especialista em Economia, Cecília Zioni, que no Brasil há cerca de 20 milhões de domicílios e só aí percebemos a quantidade enorme de pessoas desamparadas pela Previdência, já que 60% da força de trabalho feminina economicamente ativa estão atuando como donas-de-casa. Não há, pois, como negar que nossos governantes têm sido insensíveis com relação à questão feminina em nosso País. Temos um governo machista e pronto.

Nossa única saída, se quisermos sair desse eterno paternalismo, é fazer com que as donas-de-casa, que têm manifestado com ênfase a injustiça que se comete por não terem suas tarefas consideradas como produtivas, passem agora a uma campanha sistemática, enviando telegramas aos políticos de todos os partidos, às lideranças na Câmara e Senado, em Brasília, para que tratem de ultrapassar os "prolegômenos" e passem para os "finalmente". O senador Orestes Quércia, por sugestão do Nei Gonçalves Dias e com todo o meu apoio, já elaborou projeto concedendo direitos previdenciários às donas de casa. E, concordem ou não com o senador, critiquem ou não seus posicionamentos, nós mulheres queremos ver esse projeto ir adiante. Por isso, vai um recado às pouquíssimas mulheres que nos representam no Senado e na Câmara: desencavem o projeto e o mandem caminhar. E se esse apoio existir, de qualquer partido, os nomes que se manifestarem favoravelmente e ajudarem a levar essa conquista adiante terão seus



prêmios rapidamente, pois novembro se aproxima.

Não poderíamos ainda deixar de assinalar que, além desses benefícios mais do que justos a essas mulheres que se dedicam à incrível tarefa de serem donas-de-casa, queremos ainda mais. E esse "mais" é, podemos afirmar com a maior serenidade, o mínimo que merece mais da metade da população deste País, a qual tem sofrido e lutado — ainda muito silenciosamente para o nosso gosto — para fazer esta Nação continuar.

O que queremos mais? Queremos que todas as mulheres se empenhem para que seja aprovado o projeto de mudança do nosso código civil que ainda nos coloca como seres subalter-

nos no casamento. Para as mulheres, todos os deveres e nenhum direito — isto está certo? Ou há alguém pensando que a licença-maternidade é um benefício para a mulher? A licença-maternidade, além de permitir que a vida continue e faça o País progredir, tem sido um pretexto para discriminar a mulher casada — que sofre 9 vezes mais o desemprego que o homem.

Por isso, queremos um estatuto que nos coloque no lugar que, na prática, há muito assumimos. Nós temos sido chefes de famílias, esteios da vida, biológica e socialmente e não recebemos o respeito que devemos exigir. Por isso queremos também a licença-paternidade.

A verdade, infelizmente, é que entre muitas mulheres não passa pela cabeça que a justiça social também seja uma conquista e não uma dádiva. Por isso, é preciso que todas as donas-de-casa comecem, desde já, a enviar telegramas a Brasília, apoiando o projeto da Previdência para a dona-de-casa e apoiando ainda o projeto de mudança do código civil. Foi uma luta assim que fez com que deixássemos de ser, há alguns anos, consideradas irresponsáveis como os silvícolas e as crianças. Ou já se esqueceram?

O anteprojeto preparado pelas advogadas Sílvia Pimentel e Floriza Verucci, dois nomes que honram a população feminina, já se encontra no Congresso e foi apresentado pela deputada Cristina Tavares. O do senador Orestes Quércia, para as donas de casa, ainda está no papel. Vamos agir e conquistar esse direito? É impossível esperar mais para que tenhamos essas mínimas conquistas. E isso, podemos garantir, vai depender inteiramente de nós próprias e da sensibilidade de nossos políticos que serão testados por nós, mulheres, nesse ano eleitoral. E não se esqueçam de que somos metade dos eleitores. Vamos usar essa potentíssima arma?

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: FOLHA DE PAZ

Data: 17/05/82

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Falta de creches leva à marginalização, diz LBA

FORTALEZA (FT) — A presidente da LBA — Legião Brasileira de Assistência, Léa Leal, ao falar à imprensa após instalar o Programa de Complementação Alimentar nos bairros pobres desta Capital, afirmou que a marginalização social e a violência que atinge a infância carente do País têm como causa a falta de creches. "Deixar os menores soltos pelas ruas é levá-los à marginalidade", disse ela, acrescentando que no Brasil existem 25 milhões de crianças até 6 anos de idade e que 16 milhões encontram-se em faixa de vulnerabilidade social e econômica, sendo dez milhões nas áreas metropolitanas.

Léa Leal defendeu a atualização da CLT — Consolidação das Leis Trabalhistas na parte em que trata da instalação de creches e destacou a importância do projeto do senador Lourival Batista, com base em estudo da LBA, que amplia o incentivo fiscal concedido às empresas para instalarem creches. A CLT estabelece a obrigatoriedade de as empresas manterem creches para os filhos de suas em-

pregadas (e não empregados) apenas durante o período de amamentação. A presidente da Legião Brasileira de Assistência pede que seja estendida essa obrigação até seis anos e, para isso, propõe que as empresas possam deduzir mais 5% de seu lucro tributável.

Léa Leal afirmou que existe um custo invisível, que todo o País, em decorrência da falta de creches, acaba pagando. "Quanto o Brasil está pagando, por exemplo — indagou —, pelos sete milhões de crianças de 7 a 14 anos que estão fora da rede escolar, e quanto está dependendo pelos 60% de crianças subnutridas que anualmente repetem as duas primeiras séries do 1.º Grau ou saem da escola? E qual o preço social e econômico dessa evasão e dessa repetência?" E sugere que "somente uma firme ação na área pré-escolar poderá conter e reduzir esses índices negativos. E isso só pode ser conseguido com a ampliação progressiva da rede de creches do País, já que nas creches as crianças recebem alimentação e assistência médica e dentária, concluiu."

Luta por creche reúne moradores

Os moradores de Engenheiro Goulart, um bairro pobre e carente da zona Leste da cidade, estão se mobilizando para reivindicar a construção de uma creche na região, que não dispõe de nenhum local onde as mães possam deixar seus filhos enquanto trabalham. Ontem, um grupo de cerca de 30 pessoas se reuniu no salão paroquial da igreja de Santo Onofre e decidiu nomear uma comissão para entregar um abaixo-assinado ao novo prefeito, Antônio Salim Curiati, pedindo a instalação urgente de uma creche em Engenheiro Goulart, para que os moradores parem de deixar seus filhos "abandonados, a sós ou de mão em mão".

A luta pela construção da creche começou no início do ano, a partir de discussões na Associação de Bairros de Engenheiro Goulart e no grupo de jovens da Paróquia de Santo Onofre. Nasceu então o "Movimento para Instalação de Creches em Engenheiro Goulart", que teve como primeira atividade a realização de uma pesquisa no bairro para avaliar a extensão do problema.

o por advogado, por tratar-se de
sa, disse que eu não tinha direito a
de
ção Processante, que, ao ouvir
de
Ministério. "Fui induzido a erro
tam
c médico, houve irregularidade no
em
fato





FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O ESTADO DE SÃO PAULO

Pasta n.º

Data 18 / 05 / 1983

N.º do recorte 1240.1

Pág. 4



Atendendo a insistentes pedidos, mais 57 creches serão construídas pelo Prefeito

Reynaldo de Barros tem uma notícia que vai funcionar como o colo da mamãe. Com a assinatura de um contrato com a Caixa Econômica Federal, o Prefeito conseguiu recursos para a construção de mais 57 creches, fazendo a alegria de 10.000 crianças, que receberão educação e alimentação equilibrada. Estes são os novos endereços onde as mães poderão deixar seus filhos para trabalhar com sossego.

Administração Regional da Penha

Vila Cisner - Rua Barra de Santa Rosa c/Rua Olavo Egidio de Souza Aranha

Jardim São Francisco - Rua Juritipiranga c/Rua Aramandaia

Vila Manchester - Praça Haroldo Daltro

Administração Regional de Pirituba/Perus

Parque de Taipas - Rua Elias Antonio Lopes esq. Rua Morro de São Sebastião

Jardim Pirituba - Rua Litoral Paranaense esq. Rua Arroio do Tigre

Jardim Panamericano - Rua Barra de Forquilha

Vila Regina - Avenida Brasilina Vieira Simões esq. Alberto Pires

Administração Regional de Santana

Vila Santo Antonio - Rua Guilhermina c/Rua Padre João Azevedo

Vila Nova Galvão - Rua Antonia Francisca Siqueira

Jardim Maninos - Rua Domingos Teixeira Cid

Administração Regional de Butantã

Jardim Julieta - Rua Matteo Civitali

Jardim Boa Vista - Rua Francisco Manoel

Jardim João XXIII - Rua S. Sebastião

Administração Regional de Campo Limpo

Jardim Kagohara - Rua das Fermatas esq. Rua dos Compassos

Parque Regina - Rua Inácio Manoel Tourinho esq. Avenida Andrea Pisano

Jardim Luzitânia - Rua Cabeceira do Basto esq. Rua Vitoriano Oliveira

Jardim Macedônia - Rua Soriano de Albuquerque esq. Rua André Soares

Administração Regional da Freguesia do Ó

Vila Nina - Rua Jerônimo Souto Maior c/Rua José de Campos Novaes

Parque Mandi - Rua João Barcelos c/Rua Ramos Freitas

Administração Regional da Vila Maria/Vila Guilherme

Vila Maria Alta - Rua Gastão Madeira c/Rua Sobral Junior

Marconi - Avenida Ernesto Augusto Lopes

Jaçanã - Rua Paulo Lincoln do Vale c/Rua Alcy Borges dos Santos

Jardim Brasil - Rua Tenente Sotomano

Jardim Cabuçu - Rua Miguel Arrojado Lisboa

Administração Regional de São Miguel/Ermelino Matarazzo

Jardim Eva - Rua Existente s/n.º

Cidade Pedro Nunes - Rua Cambiteiros c/Estrada da Cumbica

Jardim São Martinho - Rua Maria Preta c/Rua Liliaceas

Jardim Miragala - Rua Guabá c/Rua Grapira

Sítio Casa Pintada - Rua Erva de Carpinteiro

Administração Regional de Itaquera/Guaianazes

Vila Chuca - Rua 4 c/Rua 2

Maria Cursi - Avenida Maria Cursi c/Rua Dr. João Sodini

Santa Terezinha - Rua Vitorino de Souza

Savoy City - Rua Jerônimo de Abreu do Valle

Jardim Nove de Julho - Rua Bento Henriques c/Rua Antonio de Matos

Jardim Aurora - Rua Miguel Martins Lisboa

Administração Regional de Santo Amaro

Jardim Somara - Rua Antonio Felipe Filho

Jardim Novo Parelheiros - Rua C próx. estrada da Colônia

Jardim Guarani - Rua Antonio Borges Machado de Oliveira

Administração Regional de São Miguel/Ermelino Matarazzo

Vila Alto Alegre - Rua Américo de Queiroz Faco

Jardim São Carlos - Rua São Pedro de Jequitinhonha

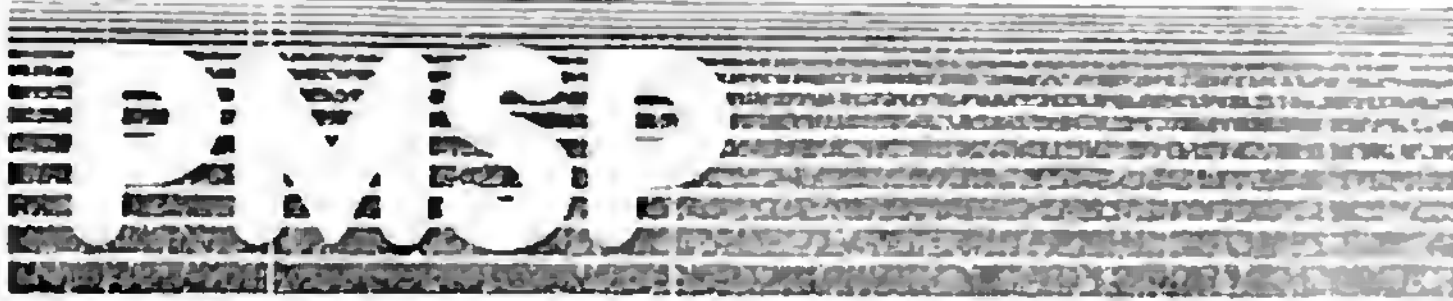
Vila Robertina - Rua Antonio Carlos Lamego c/Rua Rodrigo Brun

Administração Regional da Moóca

Jardim Imperador - Rua S. João do Paraíso c/Rua Eng. José Rubbo

Bresser - Rua Inácio de Araújo

SÃO PAULO PARA TODOS



ADMINISTRAÇÃO REYNALDO DE BARROS

O feminismo na praça, no parque e nas cabeças

Semana contra a violência à mulher

Por Maria Teresa Verardo

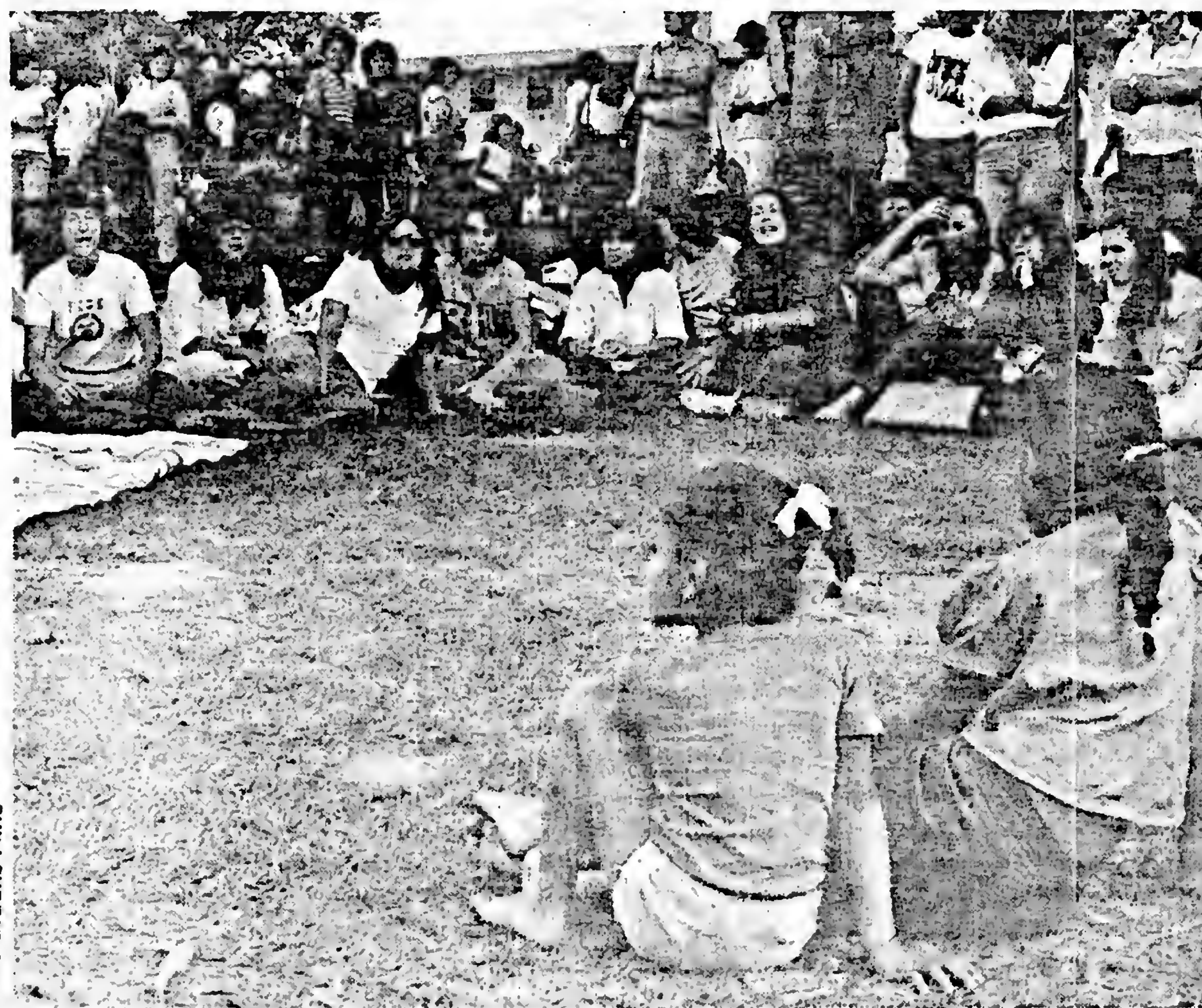
Terminou no domingo passado, a Semana Contra a Violência à Mulher, organizada pela mesma comissão que preparou as comemorações do dia internacional da mulher em São Paulo. Esta promoção marca o início da continuidade proposta no dia 8 de março e será seguida por três outras: a da sexualidade, com início marcado para o fim do mês de maio, a de discussão do movimento de creches e, por fim, a semana contra a discriminação da mulher no trabalho.

Essa semana se reveste de uma importância toda especial pois é, no momento, a única atividade que está sendo levada no movimento feminista por grupos de mulheres unidas em um trabalho comum, independente de suas respectivas entidades ou partidos.

Era um sábado gelado (24 de abril), talvez o dia mais frio deste ano em São Paulo. Num palco, em Mauá, diante de uma Igreja, oito figuras tentavam representar os vários atos que compunham a peça do SOS. Tentavam porque era quase impossível se mexer ou falar naquele frio terrível. Sentadas no chão, encolhidas, pouco mais de cinquenta mulheres assistiam a representação e só mesmo muito interesse, muita identificação as prendia ali naquela grama úmida.

A peça retratava o cotidiano do SOS, que é também o cotidiano de violências de milhares de mulheres. Composta de flashes sobre espancamento, estupro, violências na rua, assassinatos, descaso na delegacia, desproteção da lei e principalmente impotência das mulheres diante da violência de que são vítimas, ela permite a abertura de debates sobre essas questões.

Aí começa a surpresa: as cinquenta mulheres presentes queriam falar, um pouco sobre a apresentação, um pouco para aprofundar determinados flashes,



Ennio Brauns Filho

um pouco para acrescentar outros tipos de questões que não foram abordadas, mas todas tinham algum caso para contar, todas tinham algo para falar. Valeu a pena o frio que quase deixou todas congeladas.

No dia seguinte o teatro foi para São Miguel Paulista e repetiu-se o fato. Das cem mulheres presentes poucas foram as que não falaram.

Agora o teatro vai para Santa Izabel, Santo Amaro (duas apresentações), Carapicuíba e Osasco.

Isto demonstra que o SOS, que estava em busca de novos caminhos talvez tenha encontrado o rumo correto, levando a discussão da violência aos lugares onde ela mais acontece, na periferia.

Domingo no parque

Em continuidade, se realizou no dia 29 de abril, no Sindicato dos Jornalistas, um debate que contou com a presença de Mariza Correia (violência contra o menor), Marilena Chauí (pequena história da violência e violência entre

mulheres), Ana Stuart (depoimento de uma empregada doméstica), Dulce (violência contra a mulher negra), Cida Kopitack (a mulher da periferia) e Teka que falou sobre a experiência do SOS.

Esse debate se revestiu da maior importância para as 250 pessoas que lotaram o auditório do Sindicato dos Jornalistas, em sua grande maioria mulheres que atuam no movimento feminista. Atualmente, a maioria delas está nas frentes de trabalho, num ativismo desenfreado, que embora bastante compensador, é também muito desgastante, pois o tempo de reflexão é mínimo.

Um debate como esse, neste momento, que vem reafirmar a importância do trabalho, fortalecer a atuação dessas militantes e trazer novas questões, novos caminhos serviu como um estímulo para continuar a luta.

Um dia de sol, muito verde, muita alegria, brincadeiras e música no Parque do Ibirapuera encerrou a Semana Contra a Violência.

O teatro se apresentou ao ar livre, no gramado do parque, chamando a atenção de cerca de cem pessoas que participaram ativamente da discussão. Doces e sanduíches naturais, camisetas e adesivos eram vendidos transformando o espaço numa feira. Brincadeiras com temas feministas eram disputas pelos presentes. E tudo terminou numa roda de samba.

Mostrando que temas sérios como a violência podem ser tratados com bom humor, esta semana demonstrou ser, senão um sucesso devido a sua pouca divulgação, pelo menos uma agitação importante de um tema tão relevante e presente na cabeça das mulheres que participaram do evento.



O dromo das mães pobres, que não conseguem leite suficiente, já dura dois meses.

Mães se unem para obter leite em pó

Produto falta nos postos de saúde

Um grupo de moradoras de vários bairros de Santo Amaro se reuniu ontem para discutir a falta de leite em pó em quase todos os postos e centros de saúde da zona Sul, problema que já dura mais de dois meses. No encontro, realizado na garagem do Centro Estadual de Saúde de Santo Amaro, as mulheres resolveram intensificar a coleta de adesões para os abaixo-assinados que deverão ser entregues aos secretários municipal e estadual da Saúde, denunciando a falta de leite em pó nos centros e postos e reivindicando a solução imediata do problema.

Dentro de um programa de atendimento infantil, cada posto e centro de saúde distribui quatro latas de leite em pó por mês às mães com filhos com menos de um ano, segundo informam as moradoras. Só que este plano não vem sendo cumprido na maioria das unidades sanitárias municipais e estaduais de Santo Amaro, prejudicando as famílias de baixa renda que precisam comprar o leite em supermercados e mercearias, pagando cerca de Cr\$ 400 por lata.

Além da falta do leite em pó, que já vem se tornando rotineira na zona Sul da cidade, as mães que formam o "grupo do leite", como é conhecido na região, também pretendem denunciar que "o número de latas que as secretarias municipal e estadual da Saúde enviam para os postos e centros não é suficiente para o número de crianças matriculadas".

Segundo Josefa Santos, que mora no Parque Regina e tem um filho de um ano, o problema da falta de leite em pó nos postos e centros de saúde começou a ocorrer no ano passado e se acentuou nos últimos meses na zona Sul. "Já ganhamos pouco e temos que recorrer aos postos de saúde para pegar as quatro latas de leite distribuídas para cada criança com menos de um ano, cota que o governo fornece por mês e que só dura 15 dias. O governo tem a obrigação de dar leite à população carente. Já pagamos tantos impostos, tiram quase tudo do nosso bolso, que é preciso que eles retribuam pelo menos com leite para nossas crianças. Josefa Santos é uma antiga partici-

pante da reunião do leite e informa que os abaixo-assinados aos secretários municipal e estadual da Saúde deverão ser entregues no próximo mês, por caravanas de moradores de Santo Amaro. "Estamos em ano eleitoral. Por isso temos que aproveitar para pedir e pressionar as autoridades e candidatos. Se não nos atenderem, eles não irão receber nosso voto," diz ela.

Com nove filhos, a faxineira Maria da Cruz, que mora no Jardim Luso, também está sentindo muito a não distribuição de leite em pó nos postos da região. "Tenho um filho de oito meses e o dinheiro anda curto. Com a falta de distribuição, tenho que comprar menos comida para meus outros filhos para poder dar o leite do menor, que é mais desprotegido. É preferível faltar para os maiores".

LUTA ANTIGA

A luta pela distribuição de leite em pó às famílias carentes começou há dois anos em Santo Amaro, quando os postos e centros de saúde passaram a registrar faltas frequentes do produto para distribuição. As moradoras de 23 bairros da zona Sul iniciaram reuniões mensais nos clubes de mães para discutir o assunto, além de analisar outros problemas de saúde da região.

No ano passado, as integrantes da "reunião do leite" decidiram realizar o seu encontro em um local mais central e pediram à direção do Centro Estadual de Saúde de Santo Amaro que cedesse uma das salas da unidade. A diretoria concordou e emprestou a garagem.

"Desde então, começamos a debater também a falta de centros de saúde e médicos, a falta de saneamento básico e de uma alimentação adequada", conta Josefa Santos. "Nossa primeira luta foi conseguir um fisiologista para o Centro de Santo Amaro e fomos vitoriosos. A luta pela solução da falta do leite em pó foi iniciada no ano passado, mas até agora não conseguimos nenhum resultado concreto. Mas, continuamos a nos reunir mensalmente aqui porque achamos que o centro de saúde pertence à população e temos que usá-lo e lutar pela saúde de nossos filhos."

O governo italiano anunciou que contribuirá com cem milhões de dólares para o programa conjunto Unicef/OMS (Fundo das Nações Unidas para a Infância/ Organização Mundial de Saúde), que tem a finalidade de ajudar a melhorar o estado nutricional de crianças e mães, através da prevenção e tratamento precoce de infecções debilitantes e da diarreia. Neste campo, inclui-se a amamentação e educação nutricional, assim como o controle de deficiências específicas tais como de Vitamina A e de iodo. Estima-se que cem milhões de crianças nos países subdesenvolvidos sofrem hoje de séria desnutrição. Das 17 milhões de crianças que morreram no mundo, em 1981, acredita-se que pelo menos metade foi vitimada pela desnutrição e outras causas associadas, como as diarreias, febres e vermes intestinais, que impedem que o alimento consumido seja absorvido pela criança.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: OESP, SP, 19/05/82

Data: 19/05/82

Pág. —

Pasta n.º —

N.º do recorte —

HOMENAGENS DA AFPESP A "MÃE SÍMBOLO/82"



Sob o patrocínio do Setor Feminino de sua Diretoria Social, a Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo prestou significativas homenagens à "Mãe Símbolo/82" das diversas Secretarias de Estado, em solenidade levada a efeito no Salão Nobre de sua sede social, no último dia 6 de maio, às 19,00 horas.

As solenidades que foram presididas pelo presidente Wilson Ribeiro, compareceu grande número de mães, familiares, diretores, conselheiros, associados e funcionários, emprestando um cunho de ampla confraternização a esse verdadeiro encontro de exaltação à Mãe e à Família.

Os festejos foram abrilhantados pelo esplêndido Coral "Acroama Coros", integrado por funcionários públicos, sob a regência do consagrado Maestro Roberto Zadler e pelo Conjunto Artístico do Grêmio Atlético da AFPESP, sob a direção dos jovens Juarez e Selma, funcionários da Casa.

A cada mãe-símbolo, indicada pelas respectivas Secretarias, a Associação ofereceu um mimo, tendo sido, ao final, servida uma mesa de doces e refrigerantes a todos os presentes.

Foram designadas "Mãe Símbolo/82" as seguintes senhoras: Ana Henriqueta do Prado; Máguia Lopes Leite; Durce Magalhães Anacleto; Rosa Fernandes Roque; Leda Moraes de Oliveira; Judith F. Umbelindo; Antonia de Souza Pirozzi; Neusa Maria Darri; Luiza Benedita de Oliveira Bezerra; Anésia Alberto Santana; Maria das Dores de Jesus; Sílvia Lopes de Oliveira; Edna Amaral Bernardes; Isabel Koch Aparecido; Maria Marlene de Souza; Maria Aparecida Ceccon Vomer; Benilde Bruzzo da Silva; Ruth Barbosa dos Santos; Manuelina de Jesus Salvério; Alzira Faridini Pegoraro; Inácia Ferreira Vieira. Foram também agraciadas as mães funcionárias da Casa, indicadas pela AFPESP, as sras. Josefa Almeida da Silva e Maria José de Almeida Brito.

No clichê acima, o Coral "Acroama Coros" quando executava uma de suas aplaudidas peças e parte da assistência.

V. Prado aguarda inauguração de creche



A creche, para 150 crianças, deverá ser inaugurada até o fim do mês

Os moradores de Vila Prado, uma das muitas que existem na região do bairro do Limão, na zona Norte da cidade, estão em festa. É que até o final do mês deverá ser inaugurada uma creche municipal, uma das mais antigas reivindicações da população local. Ela terá capacidade para abrigar 150 crianças, entre três meses e seis anos de idade, facilitando assim a vida das mães que trabalham fora.

A luta pela creche vem desde 1980, quando a Sociedade Amigos de Vila Prado, sob a presidência de Marlene Frederico Góes, enviou um ofício ao então prefeito de São Paulo, Reinaldo de Barros, solicitando a construção da creche em terreno da municipalidade, que estava sem uso. No final daquele ano a Coordenadoria de Bem-Estar Social, que cuida da implantação desse tipo de ser-

viços na cidade, respondeu ao pedido explicando que a construção de uma creche, naquela região, constava dos planos da Prefeitura.

Efetivamente, a construção do estabelecimento começou em outubro do ano passado e em três meses estava pronta (as obras foram concluídas em janeiro último). "Agora só faltam os equipamentos, como berços, camas, eletrodomésticos, colchões, alimentos", comentou a presidente da Sociedade Amigos de Vila Prado, Marlene Góes.

Ela acredita ainda que a creche deverá ser inaugurada simultaneamente com a nova iluminação pública que está sendo colocada em 38 ruas de Vila Prado.

"Com a chegada da iluminação e a creche — disse a presidente da SAB — o bairro quase que não apresenta mais problemas. O único ainda que

não foi solucionado, apesar dos insistentes pedidos, é a canalização do córrego Tabattinguera que começa na praça Canaã e termina em Vila Nova Cachoeirinha, na área da Freguesia do O. Zona Norte). Com mais de cinco quilômetros de extensão, totalmente poluído e servindo de depósito de lixo, esse córrego já causou um caso de leptospirose, no princípio do ano."

O novo prédio terá capacidade de atendimento para 150 crianças. Possui dois pavimentos com dois berçários, oito banheiros, copa, cozinha, cinco salas de aula, "play-ground", solarium e demais dependências. A creche foi construída em terreno municipal de cerca de 1.500 metros quadrados, dos quais 800 de área aproveitada, e está localizada na rua Quartim Barbosa, esquina com rua Professor Darío Ribeiro.



Pelé pediu uma creche.

Pelé diz que Brasil eliminará Argentina

Pelé disse ontem, durante a visita que fez ao governador José María Marín, que tem dúvidas quanto à seleção argentina chegar à final da Copa da Espanha, porque enfrentará a equipe brasileira na fase semifinal, "e então, vai dar Brasil".

Pelé, que visitou Marín na qualidade de antigo amigo e colega de trabalho, "porque foi jogador de futebol pelo Jabaquara, quando eu jogava no Santos", pediu a cessão de um terreno, na Vila Matilde, para a instalação de uma creche da Casa da Cultura Afro-brasileira. Sobre o time formado por Telê Santana, disse que é a melhor Seleção de 1970 para cá.

"Pelo espírito de união que existe no grupo podemos confiar na equipe. E evidente que ninguém pode garantir quem vai ganhar, mas acredito que o Brasil fará um bom papel".

Pelé observou que a Copa da Espanha terá característica diferente da que foi disputada na Argentina: "O Campeonato Mundial, jogado na Europa, sempre tem um pouquinho mais de, não digo violência, mas agressividade. Pelo estilo do europeu, não podemos esperar uma Copa tão técnica como a da Argentina. Na Europa sempre há mais virilidade na maneira de jogar. E assim, jogadores de nome, como Zico, Sócrates e Maradona, deverão sofrer marcação mais cerrada e mais dura".

O ex-jogador afirmou ainda que "em relação às convocações anteriores, só dois ou três nomes acredito que deviam estar na Toca mas o Brasil tem muitos jogadores e é difícil chamar todo mundo. O importante é que existe amizade, respeito e harmonia entre os jogadores. E o mesmo ambiente de 1970 e isso é bom para nós".

Ao ser indagado se o futebol estava em crise, Pelé respondeu afirmativamente: "Mas como o do Brasil estava cem anos à frente dos outros, digamos que agora esteja há cinquenta anos. Portanto continua sendo o melhor do mundo". E considerou natural Telê Santana chamar para a Seleção jogadores que estão no exterior, como Falcao e Dirceu, "porque não temos, no Brasil, o mesmo número de craques de algum tempo atrás. Além disso, Falcão e Dirceu já têm experiência de jogo contra os Europeus", observou.

Perguntado sobre a polêmica da Seleção com ou sem pontas, disse que no futebol moderno não se joga mais com um ponteiro fixo. "Tem o pebedim, o que é o mesmo que o espaço vazio. Então, não precisamos um ponteiro fixo. E ganhamos a Copa".

Por creches mais humanas

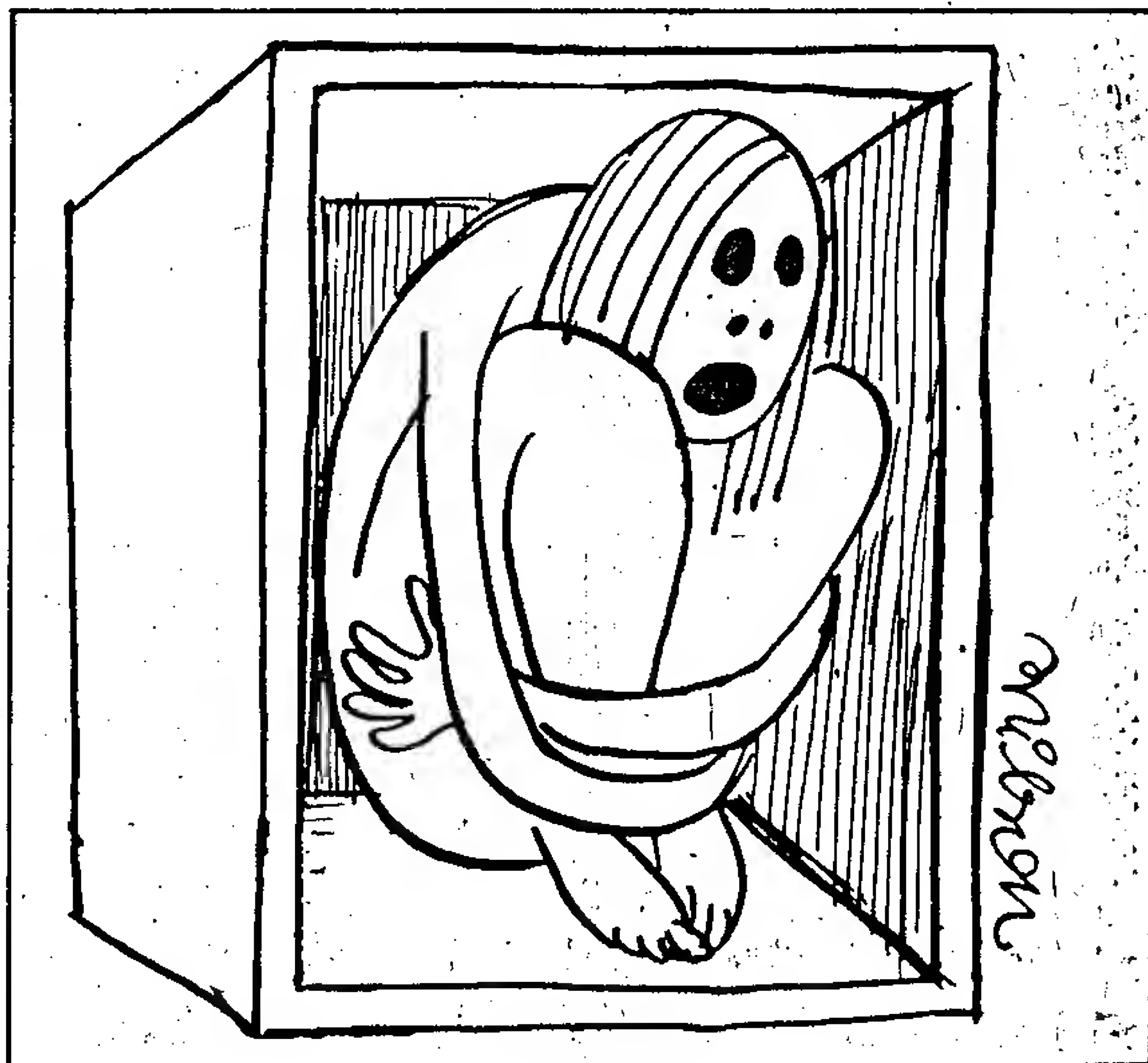
IREDE. CARDOSO

A Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo — Emplasa — acaba de tornar público documento revelando que o número de mulheres chefes de família, na Grande São Paulo, atinge 15,3% de todos os chefes de família. Isso, todas nós sabemos que significa miséria crescente e maior número de crianças desamparadas. E, nessa área, também estamos com um número desalentador: 40 milhões de crianças em condições de vida precária, vinte milhões das quais em carência absoluta.

Uma das lutas importantes e mais antigas das feministas é a de protestar, sem perdão, contra a discriminação salarial que a trabalhadora brasileira continua enfrentando. Faz tempo, estamos cansadas de repetir que a mulher ganha, em média, menos 58% que o homem, executando o mesmo trabalho. Realmente, não acredito que essa injustiça possa vir a ser sanada apenas com pequenos e desprezíveis artigos aqui colocados nesta seção de Feminismo, aliás a única da grande imprensa brasileira.

Realmente, sabemos que estes problemas não se resolvem imediatamente, nem mesmo a médio prazo. Nós não temos um governo sensível aos problemas das mulheres. Apesar de absolutamente revoltante, essa é a dura realidade que temos que enfrentar e, por isso, colocar todo o nosso esforço para encontrar meios de lutar e mudar, aos poucos, a situação. Muitos são os que afirmam que na atual estrutura da sociedade nós mulheres jamais resolveremos a triste, lamentável mesmo situação de discriminação que enfrentamos.

Preferimos acreditar, entretanto, que a crescente conscientização das mulheres, sua crescente organização e a ajuda inestimável que temos recebido de muitos homens sensíveis poderão ao menos criar condições para que as pressões se tornem cada vez maiores e um dia cheguem a ser até insuportáveis para os que detêm postos de poder. Quando um ex-governador comenta que sua ida a Brasília, como candidato a deputado federal pelo PDS, foi "comunicada" à mulher, porque latinos e árabes são "assim mesmo"; quando um ex-prefeito afirma que quem se interessa por creches são mães solteiras; quando um novo prefeito vem a público afirmar que dará ênfase às creches conveniadas — isso para não falar de outras discriminações fora de São Paulo — realmente, nós mulheres temos mais é que cuidar, com urgência, de nossas vidas, porque estamos praticamente órfãs e nossas



crianças sem perspectivas. A não ser que as mães pobres aceitem esses intoleráveis programas de controle de natalidade oficiais que culpam o pobre pela pobreza, logo logo a maternidade será amaldiçoada em nosso País. E não podemos permitir que isso aconteça. É dose demais para as mulheres, para a vida, para o Brasil.

Se já tínhamos, em 1978, 452.639 mulheres chefes de família na Grande São Paulo, nada existe de mais importante que falar das injustiças salariais e dos problemas das creches. As creches conveniadas, diga-se de passagem, são 125 em São Paulo. Com raras exceções, nessas creches, as crianças "alimentam-se" de macarrão e batata — não há proteínas; a "disciplina" é exercida por verdadeiros carrascos; as crianças são levadas a permanecer diante da televisão horas e horas seguidas, sendo "cuidadas" por um indivíduo que "olha" por 100 ou 60 semi-internos. Neles, a Prefeitura entra com metade de um salário mínimo por criança, por mês. O resto não interessa, a não ser que, em geral, essas creches são criadas para dar prestígio a algum político, não precisa dizer de que partido.

Nós temos que continuar lutando, ao lado do Movimento de Luta por Creches, criado pelas mulheres de São Paulo, e que deu seu primeiro efeito positivo, embora pequeno, com a obtenção da construção de 104 já em

funcionamento (apesar da promessa das 830, pelo ex-prefeito). Nessas creches chamadas diretas, se há problemas, ao menos eles podem ser corrigidos, porque, como propriedades públicas, elas permitem a nossa fiscalização, a nossa colaboração para sua melhoria. Nelas, a alimentação é boa, há condições de se estimular a criança, para que não façamos crescer uma população de pessoas estupidificadas pelos depósitos de crianças espalhados por aí.

Mas, para que se tenha idéia de quanto a nossa luta, por mulheres, é fundamental para a democracia, precisamos ter conhecimento de quantos somos desprezados pelos atuais poderes públicos: informa-se que o orçamento previsto destinado à manutenção dos equipamentos das creches construídas pela Prefeitura foi diminuído em cerca de 92% para este ano.

Então, nesse caso, realmente, só nos resta concluir que essa coisa sinistra que é a atuação de fachada dos homens que estão ainda detendo o poder e querendo mais é absolutamente contra a mulher e, portanto, contra a vida. Eles são os enviados da morte e movimento feminista quer vida, amor, respeito. E sabemos que uma cidade como São Paulo tem recursos para isso. Se se diz que não tem, é porque eles estão sendo desviados para fins não prioritários. O que é um crime.

23/05/82
p. 64

PCB

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: FOLHA DE PAULISTA

Data: 24/05/82

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Jardim Brasil reivindica a construção de creches

As ruas do Jardim Brasil, bairro da Zona Norte, ficaram ainda mais movimentadas na manhã de anteontem, quando dezenas de mulheres percorreram residências, estabelecimentos comerciais e feiras, recolhendo assinaturas para reivindicar a construção de creches. O "mutirão", que saiu da rua Francisco Peixoto Bezerra portando faixas, pretende recolher o maior número de nomes para serem apresentados a Wilson Quintela, da Coordenadoria do Bem-Estar Social, em audiência marcada para sexta-feira. O abaixo-assinado já conta com cerca de três mil adesões, o que leva as organizadoras do movimento a insistirem no atendimento do pedido.

TERRENOS INDICADOS

Esta é a segunda vez que moradores do bairro solicitam a construção de creches pela Prefeitura, já que o pedido inicial, feito no ano passado, não foi aceito, sob a alegação de que não havia terreno disponível. Agora, a comissão pretende indicar dois lotes, na própria rua Francisco Peixoto Bezerra, onde as creches poderão ser erguidas. Um desses terrenos seria, inclusive, de propriedade da Prefeitura e estaria sendo explorado irregularmente por um advogado, que lá construiu e alugou 13 cômodos. A comissão ainda vai tentar levantar junto à Regional de Vila Guilherme a situação real do imóvel.

Segundo Tida Medeiros, uma das organizadoras do movimento, o bairro tem aproximadamente 85 mil habitantes e possui apenas uma creche, mantida pela Legião Brasileira de Assistência, em local cedido pela paróquia Nossa Senhora da Livração. Essa creche atende a quase 200 crianças, enquanto a fila de espera tem aproximadamente 300 nomes. Ainda segundo Tida, como a grande maioria das mães tem necessidade de trabalhar, os menores ficam sem assistência. Nos últimos meses dois atropelamentos foram registrados somente na rua Francisco Peixoto Bezerra, tendo um causado a morte de uma criança de dois anos.

Maria Lúcia Santana, outra das integrantes do movimento por creche, é um exemplo de como tais estabelecimentos são necessários. Com oito filhos Maria Lucia trabalha como diarista e os seus três filhos menores ficam aos cuidados de um de seus garotos, com apenas oito anos. O salário de seu marido, que trabalha como frotista, de apenas 25 mil cruzeiros, é insuficiente para a manutenção da família.

Raimunda Brasileiro Rodrigues também precisa com urgência da creche, pois trabalha como costureira numa firma de confecções. Com sete filhos menores, Raimunda foi obrigada, inclusive, a voltar a trabalhar logo depois de ficar três meses internada num hospital em consequência de complicações de uma cesariana.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Folha Manhã*Data: *25/05/82*

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Esgoto sai FKP 25/5/82 no tanque da creche

Há pouco mais de um mês, as mães que deixam os filhos na creche Vila Virginia Bianca, no bairro de Vila Albertina, na zona Norte, começaram a notar que o esgoto, que até então corria pela rua Manoel Araújo de Aragão, havia sido desviado para os fundos da creche. Depois de alguns dias, a água começou a se infiltrar no tanque de areia no terreno, impedindo as crianças de brincar.

Os moradores já fizeram reclamações à Administração Regional de Santana e afirmam que já existe um processo no Centro de Saúde do Tucuruvi, mas como até o momento não viram suas reivindicações atendidas, resolveram recorrer à "Folha Emergência".

MAU CHEIRO

Segundo as mães, o maior problema é com a elevação da temperatura, quando, além do perigo de contaminação, mesmo com a interdição do tanque, as crianças são obrigadas a ficar o dia inteiro respirando o mau cheiro exalado das águas paradas. No início, elas começaram a perceber a poça que se formava do lado de fora da creche, porém sem notar que se tratava de esgoto.

Com o passar dos dias, a água começou a se infiltrar no terreno, atingindo o tanque de areia e inundando o pequeno quintal da creche, que hoje tem 92 crianças de até 6 anos e 11 meses matriculadas. O tanque foi imediatamente interditado pela direção da creche, a fim de não causar problemas de saúde aos menores.

SEM SOLUÇÃO

De acordo com os moradores, o esgoto começou a inundar o quintal depois de umas obras que foram executadas na rua Manoel Araújo Aragão. Eles imaginam que as máquinas abriram uma nova vala, que desviou as águas servidas para os fundos da creche. Segundo afirmaram, esse esgoto é proveniente do asilo Lareira São José, localizado no alto da rua e cujos responsáveis, apesar da reclamação, não tomaram qualquer providência.

Além do esgoto, os moradores reclamam do mato que tomou conta do local, com proliferação de ratos. E queixam-se também, da falta de pavimentação, pois a Prefeitura asfaltou somente um trecho da rua Manoel Araújo Aragão.

Mulheres do Jardim Brasil lutam para obter creches

As ruas do Jardim Brasil, na zona Norte, ficaram muito movimentadas neste fim de semana, quando dezenas de mulheres percorreram residências, estabelecimentos comerciais e feiras, carregando faixas e cartazes, para recolher assinaturas em um documento que será levado amanhã à Prefeitura, reivindicando a construção de creches no bairro. O pedido será entregue ao coordenador do Bem-Estar Social, Wilson Quintela, e já conta com a adesão de mais de três mil pessoas.

Esta é a segunda vez que moradores do bairro irão solicitar a construção de creches pela Prefeitura, já que o pedido inicial, feito no ano passado, não foi aceito, sob a alegação de que não havia terreno disponível. Agora a comissão pretende indicar dois lotes, na rua Francisco Peixoto Bezerra, onde as creches poderão ser erguidas. Um destes terrenos seria, inclusive, de propriedade da Prefeitura e estaria sendo explorado irregularmente por um advogado, que ali construiu e alugou 13

cômodos. A comissão vai tentar levantar junto à Regional de Vila Guilherme a situação real do imóvel.

FILA DE ESPERA

Segundo Tida Medeiros, uma das organizadoras do movimento, o bairro tem aproximadamente 85 mil habitantes e possui apenas uma creche, mantida pela Legião Brasileira de Assistência, em local cedido pela Paróquia Nossa Senhora da Livração. Esta creche atende quase 200 crianças, enquanto a fila de espera tem aproximadamente 300 nomes. Ainda segundo Tida, como a maioria das mães tem necessidade de trabalhar, os menores ficam sem assistência e dois atropelamentos foram registrados somente na rua Francisco Peixoto Bezerra, nos últimos meses sendo que uma criança de dois anos, morreu.

Maria Lúcia Santana, integrante do movimento por creche, é um exemplo de como estes estabelecimentos são necessários. Com oito filhos, Maria Lúcia trabalha como diarista. Os três filhos menores ficam aos cuidados de um dos garotos, com apenas oito anos. O salário do marido, que trabalha como frotista, de apenas 25 mil cruzeiros, é insuficiente para a manutenção da família.

Também Raimunda Brasileiro Rodrigues necessita de creche pois trabalha como costureira em uma firma de confecções e possui sete filhos menores. Quase a metade do salário do marido, que trabalha como coletor em uma empreiteira, é gasto com o pagamento do aluguel, de 11 mil cruzeiros. Pouco resta para as outras necessidades e, por isto, Raimunda não pode abrir mão dos 23 mil cruzeiros que ganha para trabalhar das 7h30 às 18 horas.

Outras mulheres estão em situação idêntica, optando por deixar as crianças com pessoas conhecidas, pagando até quatro mil cruzeiros por mês por cada menor. Uma delas, com dois filhos, que ganhava 15 mil cruzeiros como doméstica, preferiu abandonar o emprego por ser impossível dispendar oito mil cruzeiros apenas para alguém tomar conta das crianças.



É a segunda vez que fazem o pedido.

FSB
25/5/82
15.15

Movimento lamenta acusações às mães

"Mãe é mãe, independente de seu estado civil, religião, cor e partido político." Esta é a posição do Movimento de Luta por Creches a respeito da mãe que deve ocupar as creches municipais da cidade. É uma resposta à crítica preconceituosa do ex-prefeito Reinaldo de Barros, feita por ocasião de denúncias sobre irregularidades nas creches, quando afirmou que participavam do movimento "mães solteiras, pertencentes a uma agremiação, possivelmente a um partido, que não estão nem um pouco interessadas nas creches".

Para o Movimento de Luta por Creches, a filosofia básica de seu trabalho é a ajuda mútua, para oferecer bem-estar aos seus filhos. "Há muitas mães solteiras que fazem parte do movimento, necessitam de creche para deixar os filhos e poder trabalhar. Mas não fazemos qualquer tipo de discriminação contra elas", diz uma das integrantes, Maria Helena Brioschi, que reafirma o direito de cada um pertencer ou não a um partido político. "A maior parte das mães e dos pais, que têm seus filhos em creches ou lutam pelo movimento, não está preocupada com partido, mas com sua sobrevivência e o dia-a-dia de seus filhos."

Segundo outra integrante do movimento, Vicentina Pessoa, a luta que vem travando é das mais importantes. "A criança de hoje, seja de favela ou de periferia, necessita da creche para não se tornar mais um marginal, amanhã. A criança que vai à creche está encaminhada automaticamente para a escola, consegue se formar e trabalhar, tornando-se o brasileiro do futuro. Daí a importância dessa luta."

Além disso, o movimento acredita que "se com todas as denúncias constatadas, as creches estão como estão, imagine se o movimento não existisse. Como estariam estas creches?" Seus integrantes afirmam que a luta continuará, quer Reinaldo de Barros goste ou não. Afinal, se a Prefeitura tivesse que atender aos pedidos de pais com necessidade de trabalhar, para vagas em creche, teria que construir pelo menos outros 500 estabelecimentos.

PROBLEMAS

O movimento não está satisfeito com as condições oferecidas pelas novas creches construídas na administração de Reinaldo de Barros. Segundo uma de suas integrantes, a creche do Jardim Roseli, em São Mateus, considerada creche-padrão, com vaga para 60 crianças, por exemplo, já apresenta rachaduras em pouco mais de seis meses de funcionamento. Para piorar a situação, as paredes que dividem o banheiro, berçário e cozinha não foram levantadas até o teto. "Tanto que até agora não entrou em funcionamento o berçário, por enfrentar o barulho da cozinha e a contaminação do banheiro", dizem.

O Movimento de Luta por Creches reafirma que não está interessado em luxo, mas em boas condições para que as



Onde deixar os filhos é o problema.

crianças ali permaneçam. "Nessa época de frio, as crianças são obrigadas a ficar dentro da creche, no espaço maior do refeitório. Só que muitas creches possuem o refeitório aberto, sem parede ou porta que proteja contra o frio." Outra crítica do movimento diz respeito ao número insuficiente de funcionários. Há pouco tempo, foi extinto o cargo de pajens volantes, funcionários que substituíam aqueles que faltavam ou estavam de licença. "Agora há sobrecarga de funcionários", denunciam.

COMIDA

As mães também lamentam a qualidade de alimentação que vem sendo oferecida nas creches. "Uma das colocações da Prefeitura é que a creche poderia oferecer alimentação mais rica às crianças, em geral subnutridas, o que também concordamos. Contudo, o café das crianças hoje é servido na base de café e leite, pão seco ou bolacha de água e sal, também seca. Algumas vezes, eles mandam um pouco de geléia, que não é suficiente para todos."

Outro problema apontado é a falta de material pedagógico para ocupar e ensinar as crianças. "Isso acaba ficando sob responsabilidade da comunidade, que promove bazares e inventa outras possibilidades de arrecadar dinheiro." Além disso, as mães queixam-se da falta de "playgrounds", prometidos pelo coordenador do Bem-Estar Social (Cobes) Wilson Quintela. "A Prefeitura reclama que as creches são imundas. Mas as crianças a área é gramada. Não podemos fazer milagres", diz Maria Helena Brioschi.

Vicentina Pessoa alerta para o problema das creches se tornarem apenas um local onde as crianças ficam "guardadas", enquanto os pais vão trabalhar. "Não queremos que a creche vire um curral onde se depositam crianças. A população que carrega nas costas o sofrimento de viver na periferia tem também o direito de oferecer bem-estar aos seus filhos e orientação, através de creches. É isso que nós queremos."

Nos postos de saúde, leite ainda insuficiente

As mães que reclamavam há mais de 15 dias da falta de distribuição de leite em pó pelo Centro de Saúde da Bela Vista, na rua Conselheiro Carrão, 613, tiveram ontem a reivindicação parcialmente atendida. A Secretaria da Saúde enviou 2.112 latas, mas elas não serão suficientes para atender as 1.179 crianças matriculadas no centro.

Segundo funcionários, a falta de leite é comum e a quantidade entregue pela Secretaria varia todo mês, sendo sempre insuficiente. "Aqui, atendemos basicamente às crianças carentes que moram nos cortiços do bairro, cuja idade varia de zero a 11 meses. As mães reclamam com razão, pois a cota mensal, entregue todo dia 10, esgota-se rapidamente e quem não pode comparecer nos primeiros dias de distribuição fica sem ser atendido."

Os funcionários, que preferiram não se identificar por temer represá-

lias, informaram ainda que as latas enviadas ontem eram destinadas à distribuição do mês de junho e que "mesmo assim dariam apenas para 520 crianças". Mas como este mês as 816 latas de que dispunham serviram para suprir as necessidades de cerca de 400, decidiram distribuir a nova remessa imediatamente. "Não podemos deixar tantos bebês sem alimento. Mas não sabemos como será no próximo mês".

Um funcionário do Departamento de Saúde da Grande São Paulo, setor encarregado da distribuição, admitiu que não é apenas nesse centro de saúde que a situação é precária: é a mesma coisa todos os meses em todos os outros. Segundo ele, o departamento recebe sua cota de leite para distribuí-la por vários centros, sempre em quantidades variáveis. "Mas só podemos atendê-los dentro das disponibilidades, de acordo com o volume que nos é enviado pela Secretaria."

*esp
26/5/82
p. 17*

Feminismo

Bertha Lutz, passo da mulher

IREDE CARDOSO

Vários acontecimentos estão marcando a vida política das mulheres, no Brasil e no mundo, e o avanço do movimento feminista ao lado dos homens sensíveis que aceitaram a luta por maior justiça social. O primeiro deles foi a instalação solene do Tribunal Bertha Lutz, ontem, em São Paulo, que concretiza mais uma etapa da conquista de nossos ideais, ainda que longínquos, de tornar impossível a relação oprimido-opressor.

E, ainda que não vejamos essa luta tão próxima, vislumbramos a vontade crescente do oprimido de falar de sua opressão, discutir para encontrar saídas, algumas tímidas, outras mais agressivas, e sobretudo a vontade generalizada de tentar a democracia verdadeira, aquela que se internaliza, com alegria e vontade de fazer prevalecer o entendimento, aumentando o amor. Em termos políticos, isto também é possível, por mais puro ou ingênuo que possa parecer, especialmente aos calejados e endurecidos pela desesperança.

O segundo passo importante que as mulheres estão querendo dar é lutar pelo desarmamento. No próximo dia 6 de junho, a Organização das Nações Unidas faz importante reunião sobre o assunto e haverá manifestações em várias partes do mundo, onde as organizações feministas estarão presentes, lutando pela paz e pela democracia, sem as quais se torna impossível o desenvolvimento do ser humano e da sociedade. Nós faremos as nossas. Há, entretanto, um grupo de mulheres em São Paulo promovendo atos públicos, para pressionar nosso governo para tomar atitude mais agressiva no caso da guerra das Malvinas. Nada mais estúpido. A política da guerra ou a corrida armamentista são nossos maiores inimigos, espe-

cialmente daquelas que sabem que têm uma tarefa importante que é a de continuar a vida e defendê-la, não entregando seus filhos ou companheiros às bocas famintas da voracidade bélico-empresarial. Há que distinguir o povo dos governos. Portanto merece nosso mais veemente repúdio todo ato em que participem mulheres (e homens, claro), a favor de qualquer aventura, nesse sentido. Feministas não são arrivistas.

Além de registrar o crescimento da organização feminista em cidades como Uberaba, onde acaba de ser criado um Centro de Integração da Mulher, apartidário, com assistência médica, psicológica, jurídica e aulas sobre Direito, saúde, planejamento familiar, política nacional e internacional; ou como em Londrina, onde logo teremos também uma nova organização no mesmo sentido; queremos registrar nosso imenso pesar com o que aconteceu à Semana da Mulher, organizada pela União Nacional de Estudantes (UNE), por seu Departamento Feminino, tendo à frente a estudante Clara, que se tem aprofundado no estudo da questão da discriminação da mulher na sociedade, no Brasil e no mundo, para enfocar os problemas da estudante universitária.

A incompreensão, o medo, o conservadorismo, o legalismo estreito em que se encontram mergulhadas várias direções de estabelecimentos de ensino superior particular, assim como o atrelamento de entidades estudantis que não são livres mas reconhecidas pelo governo, ainda insensível à necessidade de se aproximar dos jovens, levaram ao fracasso a Semana da Mulher promovida pela UNE. A UNE é malvista pelo sistema. Não consegue sua legalização, por mais que lute por isso, e as estudantes a ela filiadas estão com gra-

ves problemas para encontrar espaço a fim de debater a questão da mulher.

Nós sabemos que há discriminações insuportáveis contra as mulheres que se formam, especialmente em áreas consideradas tradicionalmente "masculinas": as engenheiras são quase obrigadas a se tornarem burocratas, porque lhes é negado o direito de trabalhar em campo. O mesmo se dá com as geólogas, para não falar de outras categorias, impedidas inclusive de fazer estágio em minas, "porque mulher dá azar". Duas questões aqui devem ser colocadas: as feministas são pela legalização da União Nacional dos Estudantes, a legítima entidade de representação do universitário brasileiro, mesmo que se discorde de seus métodos ou tendências políticas. As feministas, sobretudo, não podem admitir que as estudantes do Departamento Feminino da UNE continuem sendo tratadas como pessoas sem lugar nesta sociedade. As feministas, estou certa de que falo em nome de todas elas, neste momento, querem que a UNE seja tratada com o respeito que merece, por seus cinquenta anos de tradição e porque nela se recomeça um movimento, no passado, extremamente expressivo neste País, que foi o da União Nacional das Estudantes Universitárias, filiada à UNE.

É preciso um esforço, por parte do Ministério de Educação e Cultura, para que se abrande o tratamento dado à entidade e às universitárias. Nossa delegada do MEC em São Paulo, dra. Dalva Assumpção Soutto Mayor, é uma mulher extremamente compreensiva. Sabemos que ela também sofre pressões. Mas há momentos em que se torna necessário repensar o presente, fazendo um pequeno esforço para forçar o entendimento.

Dia de festa no Lar da "Mamãe Clory"

O Lar da "Mamãe Clory", creche pertencente à Associação Cristã Verdade e Luz, realizou Festa Beneficente, ontem, na sede da entidade, na rua Francisco Vicentainer, 438, em São Bernardo do Campo, objetivando angariar fundos para manutenção do Lar, que abriga atualmente 190 crianças.

Apesar de existir como entidade jurídica há quase 12 anos, a Associação Cristã Verdade e Luz — Lar da "Mamãe Clory" — teve seu início há mais de 40 anos, em Ponta Porã — MS, quando Clory Fagundes Marques, a Mamãe Clory, casada há uma semana, encontrou na porta de sua casa uma criança recém-nascida, enrolada num saco de estopa.

Mamãe Clory e seu marido acolheram a criança, que se tornou a primeira de uma série, muitas delas registradas em seu próprio nome. Trabalhando com muitas dificuldades, pois cada dia sua família se tornava mais numerosa, com mais crianças abrigadas, foi morar em Andradina, onde viveu por vinte e seis anos, sempre abrigando e dando as-

sistência às crianças carentes.

Quando Mamãe Clory contava com 87 "filhos", foi aconselhada por um juiz de Menores, padrinho de uma das crianças, a registrar-se como entidade jurídica, surgindo então a Associação Cristã Nosso Lar, com sede em sua própria casa.

Procurando melhores oportunidades para seus filhos, que já chegavam a 180, transferiu-se para a Vila Paulicéia, em São Bernardo do Campo, onde comprou uma casa, que foi transformada na Associação Verdade e Luz, posteriormente transferindo-a para o endereço atual.

A FESTA

O Lar da "Mamãe Clory" conta hoje com 190 crianças, das mais diversas origens, e uma de suas filhas, Soely Gozzi, conta, com muito orgulho, que "somos 56 os filhos de mamãe Clory que já se casaram, e ela tem uma infinidade de netos. Se eu puder dar um pouquinho de amor que ela nos deu, durante toda a sua vida, já me sentirei extremamente recom-

pensada". Soely lembrou, ainda, que o Lar da "Mamãe Clory" dá toda assistência à criança, "além de muito amor. Somos médicos, engenheiros, advogados, professores, enfim, tudo o que somos devemos ao amor de uma mãe que não trocamos por nada deste mundo".

A festa contou com barracas de comidas e bebidas, churrasco, churros, sorteio entre os presentes e um grande bazar, onde se podia encontrar os mais diversos objetos, todos confeccionados pelas próprias crianças. Muito feliz por reunir sua filharada toda, mamãe Clory disse que "antes de tudo, está é uma casa de amor. Tudo que conseguimos é com amor e bondade. Gostaria que todos pudessem visitar nossas crianças e trazer-lhes um pouco de carinho. Eu ficarei eternamente agradecida".

A Associação Cristã Verdade e Luz — Lar da "Mamãe Clory" — fica na rua Francisco Vicentainer, 438, bairro Assunção, ao lado do Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes, em São Bernardo do Campo. Telefone 443-5314.